

Universidade da Maturidade: Caminhos Formativos para a Pessoa Idosa

Marlon Santos Oliveira Brito
Neila Barbosa Osório



MARLON SANTOS DE OLIVEIRA BRITO
NEILA BARBOSA OSÓRIO

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE:
CAMINHOS FORMATIVOS PARA A PESSOA IDOSA

1ª Edição

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor

Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguen Lima Trombini
Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

Diagramação: Renato Ferreira Brito

Arte de capa: Ruhena Kelber Abrão

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins (SISBIB)
Campus Universitário de Palmas

B862u Brito, Marlon Santos de Oliveira.

Universidade da maturidade: caminhos formativos para a pessoa idosa. / Marlon Santos de Oliveira Brito, Neila Barbosa Osório. – 1. ed. - Palmas, TO: EDUFT, 2024.
71p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5390-087-5.

1. Idosos - Educação. 2. Idosos – Condições sociais. 3. Idosos – Universidade da Maturidade. I. Título.

CDD 305.26

Bibliotecária: Roseane da Silva Pires
CRB2 / 1.211

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.

Prefácio

O livro *Universidade da Maturidade: Caminhos Formativos para a Pessoa Idosa* surge como uma estratégia inovadora e necessária, especialmente no contexto amazônico, para divulgar como acontece a troca de conhecimentos e experiências entre gerações e o fortalecimento de vínculos sociais e culturais no Tocantins. Na Amazônia, um ambiente rico em diversidade ecológica e cultural, as práticas educativas intergeracionais que acontecem na Universidade da Maturidade valorizam saberes tradicionais, enquanto incorporam tecnologias e conhecimentos contemporâneos que atendem às necessidades de diferentes grupos etários.

Um dos aspectos mais importantes dessa abordagem é a valorização da pessoa idosa como agente ativo e portador de saberes. Nas comunidades amazônicas, muitas pessoas idosas possuem conhecimentos tradicionais, como práticas de agricultura sustentável, medicina popular e costumes culturais, que são transmitidos por meio de narrativas e vivências práticas. A partir de itinerários formativos que integram esses saberes às práticas pedagógicas, é possível criar um ambiente educacional onde os mais novos e os mais velhos, ao longo de suas vidas, aprendam juntos e se fortaleçam mutuamente.

Na Universidade da Maturidade (UMA), vinculada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), são oferecidas formações específicas que valorizam e promovem a participação ativa das pessoas idosas no processo educativo. Esses itinerários formativos têm como objetivo oferecer conhecimentos técnicos e proporcionar um espaço de troca intergeracional, onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas compartilhem experiências e aprendam umas com as outras.

Essas iniciativas contribuem para o alcance de competências e habilidades de pessoas, para o fortalecimento das comunidades e para a formação de um senso de pertencimento e identidade cultural entre os participantes. Ao proporcionar um espaço de aprendizado coletivo, a educação intergeracional na universidade combate o isolamento social, favorece a inclusão social e o bem-estar emocional e físico, além de promover a consciência ambiental e a sustentabilidade, temas que são de grande relevância na região amazônica.

Este livro divulga resultados de como esse trabalho é realizado e comprova que é possível a implementação de programas de educação intergeracional na Amazônia, mesmo diante de desafios, como a falta de infraestrutura adequada em áreas mais remotas, a escassez de recursos financeiros e a necessidade de formação continuada de educadores capacitados para lidar com as especificidades da região e das populações envolvidas.

Ao abordar o foco em itinerários formativos que podem envolver a Educação de Jovens e Adultos na Amazônia, a publicação ainda é uma oportunidade para auxiliar em reflexões que envolvem a construção de currículos que valorizem os saberes locais e promovam um desenvolvimento sustentável e inclusivo. Pois, além de fortalecer a convivência com pessoas idosas, as ações descritas demonstram caminhos possíveis para a preservação da cultura e da tradição amazônica.

Dr. Luiz Sinésio Silva Neto
Professor da Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

Prefácio.....	6
1. CAMINHOS PERCORRIDOS.....	23
1.1 Primeiras palavras.....	23
1.2 A análise de conteúdo.....	27
1.3 Conexões com a Fenomenologia.....	29
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	33
2.1 A Educação de Jovens e Adultos - EJA.....	33
2.3 Os Itinerários Formativos.....	37
2.4 A Educação Intergeracional.....	43
2.5 A Casa Amarela.....	47
3. PERCEPÇÕES EM EDUCAÇÃO INTERGERA- CIONAL.....	51
3.1 A contação de histórias dos anciãos indígenas.....	53
3.2 Os velhos na Escola de Tempo Integral.....	55
3.3 Uma proposta curricular de EJA.....	57
3.4 Percepções sobre os Itinerários Formativos no To- cantins.....	59
3.5 Pacto nas comunidades quilombola e indígenas tocantinenses.....	61
3.6 O encantamento no projeto Ecoponto na Escola...	63
4. PERCEPÇÕES EM EDUCAÇÃO E SAÚDE.....	65
4.1 Técnicas de recuperação pós Covid-19.....	67
4.2 Relações saudáveis entre idosos e adolescentes....	69
4.3 Relações intergeracionais entre avós e netos.....	72
4.4 O uso de medicamentos na maturidade.....	74
4.5 Saúde mental no diálogo entre as gerações.....	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
6. REFERÊNCIAS.....	83

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre o envelhecimento humano perpassa discussões vivenciadas por aqueles que alcançaram o privilégio de serem centenários. Homens e mulheres que acompanharam e vivenciaram o número de pessoas idosas aumentar no mundo, graças aos avanços que garantem a longevidade humana e conquistas que a sociedade permitiu a esse grupo, dentre eles as possibilidades de satisfazerem desejos subjetivos (OPAS/ONU, 2021).

A subjetividade entendida nos escritos de Vygotsky (2000) como o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) e relacionamentos com o social (mundo externo). Pois Silva (2016) elucida que o currículo escolar deve representar aquilo que se pensa como projeto formativo para os alunos, a função social, o papel dos professores e outros dilemas da cultura escolar.

O envelhecimento populacional provoca mudanças nas organizações sociais, culturais e políticas, e tal realidade demanda por políticas públicas adequadas às subjetividades humanas (CIAVATTA, 2005; OSÓRIO, 2011; NOLETO et al.; 2022), ao passo que dentre elas estão as que podem ser alcançadas por meio da Educação intergeracional e Educação em Saúde.

No Brasil essas peculiaridades são evidenciadas no Estatuto da Pessoa Idosa, da Lei nº 10.741/2003. Alterado em 22 de julho de 2022, pela Lei nº 14.423/2022, com a troca da expressão “idoso” pela expressão “pessoa idosa”. Mudança essa que orienta a decisão, neste trabalho, de referenciar os

mais velhos como “pessoas idosas”, mas, sem abandonar outras nomenclaturas tidas como igual valor: idoso, mais velho e velho (OSÓRIO e ANDRADE, 2000).

Vale registrar que, assim como apontado por Soares (2008); Riva (2013); Da Silva (2010); e Silva Neto e Osório (2017), o Estatuto Pessoa Idosa seguiu o triste exemplo da legislação de não respeitar o cidadão que envelhece, ao preocupar-se com concepções mercadológicas e assistencialistas e, agora, com uma mera terminologia.

Nessa linha de manifestação, registra-se que, independente de como a Lei chame, a pessoa idosa foi esquecida como detentora de personalidade própria em políticas públicas, de modo que na EJA é referenciada como “adulto”. E tal situação deixa o Estado sem o compromisso direto de ajustar e oferecer serviços públicos específicos aos que envelhecem (PAZ, ALEXANDRINO E PEREIRA, 2009).

Essa postura política é influenciada pelos autores citados, por Freire (1983) e por outros paladinos. E, tidas como oportunas para o momento, moveram as percepções deste trabalho sobre o interesse de investigar a EJA como política de oferta da Educação Básica à homens e mulheres que envelheceram, e não tiveram condições de “concluir seus estudos em idade própria” (CNE/EJA, 2020).

Na EJA, os idosos (acima de 60 anos) são matriculados com o jovem (a partir de 15 anos, para o Ensino Fundamental) e o adulto (a partir de 18 anos, para o Ensino Médio). Eles, então, seguem currículos escolares, tempos e espaços homogêneos, estruturados para os que desejam concluir um “direito público subjetivo de todo cidadão brasileiro” (BNCC, 2018, p. 461).

Dialoga-se sobre nuances político-pedagógicas do cur-

riculo escolar da EJA, que de forma supletiva já tem carga horária reduzida em cinquenta por cento. Discute-se, portanto, sobre a “pressa de formar” os cidadãos mais velhos, pois é uma situação que intensifica tensões entre as gerações e dificulta o usufruto de direitos civis e políticos garantidos pela Constituição (OSÓRIO, 2011).

Afinal, uma das inquietações contemporâneas busca compreender como a EJA, tida como o projeto pedagógico existente no Brasil para atender os mais velhos, no direito básico de Educação, carece ser tão rápida, homogênea e supletiva, como se verifica em projetos municipais, estaduais e nacionais (OBSERVATÓRIO, 2021).

Utiliza-se para essa investigação um documento oficial: a BNCC (2018). Norma orientativa para a construção dos currículos escolares no âmbito Nacional, que prevê a garantia, a permanência e as aprendizagens dos estudantes “respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras” (BNCC, 2018, p. 461).

Ou seja, matricular a pessoa idosa na EJA e oferecer-lhe um currículo escolar com conteúdos que serão estudados, atividades realizadas e competências a serem desenvolvidas e avaliadas, que respeitem a garantia de acesso e permanência “às suas necessidades e disponibilidades” (LDB, 1996, Art. 4º).

Como aponta Ramos (2008), nota-se no Brasil carências de manter um compromisso político com os alunos, posto que nos sentidos ontológico e histórico, a educação busca “superar um ensino enciclopédico que não permite aos estudantes estabelecer relações concretas entre a ciência que aprende e a realidade em que vive” (p. 8).

Com base em Paiva, Machado e Ireland (2004); Ramos

(2008); Assumpção (2009); Damasceno e Santos (2015); Gadotti (2016); Holanda e Alencar (2021); Alves e De Carvalho (2022) uma saída para amenizar esse distanciamento são os Itinerários Formativos, instrumentos que possibilitam ao currículo escolar ampliar o compromisso político pedagógico com a formação integral do aluno (BNCC, 2018).

Segundo o SAEB (2022), no Brasil, a expressão “Itinerário Formativo” deixou de ser destinada apenas para referências à educação profissional e passou a alcançar outras possibilidades formativas e acadêmicas, com o aprofundamento em uma ou mais áreas curriculares, e não apenas em referência às formas de acesso às profissões.

Ramos (2008), cita que os pilares conceituais de uma educação integrada estão pautados numa escola cujo currículo escolar é fruto de uma construção social que permeia a concepção de sujeito e sociedade. E, nos moldes da educação formal, acredita-se que tal projeto estará vinculado à EJA, modalidade destinada aos mais velhos que voltam aos estudos da Educação Básica.

Destarte, uma proposta curricular formal que alcance homens e mulheres que envelheceram, deve superar os projetos formativos que tanto imperaram na história da educação, com a dicotomia na formação do aluno, ou para cidadania integral, ou para o processo produtivo tecnicista (RAMOS, 2012).

Freire (1983), enfatizou a importância do caráter participativo intrínseco ao ato educacional e a percepção de que não existem conteúdos melhores ou piores que outros. Nesse contexto, o trabalho em pauta aponta para um currículo escolar substanciado pela EJA, como uma das alternativas de superação do descaso que a pessoa idosa enfrenta ao vol-

tar à Escola, de onde um dia foi expulsa (HOLANDA e ALENCAR, 2021).

Isto porque a BNCC (2018), além de ressaltar a unidade que deve existir entre as diferentes disciplinas, possibilita que, para cada área do conhecimento, existam Itinerários Formativos, e como escrevem os husserlianos, com especificidades de formação que levem o sujeito a compreender a realidade para além da aparência (HUSSERL, 2010).

Fato é que existem muitas propostas curriculares escolares com Itinerários Formativos que alcançam a formação profissional e essa abertura para outras áreas é pouco conhecida (ALVES E DE CARVALHO, 2022). Daí, o interesse deste trabalho em somar nas investigações que apontem outras possibilidades de organização dos currículos escolares.

Não se tenciona com isto que a formação profissional não seja importante, contudo, não existe acordo com o dualismo por ela proposto, nem com a sobreposição de outras formações que possibilitem à pessoa idosa se apropriar de conhecimentos estruturantes para a inserção na vida social digna.

As Diretrizes Nacionais da EJA (CNE/EJA, 2020), ao tratarem do alinhamento à BNCC, sugerem aos sistemas de ensino a investigação e o planejamento de cursos, com autonomia para que cada instituição organize um currículo escolar próprio, seja por disciplinas, componentes curriculares, projetos, núcleos temáticos, entre outros.

É nesse sentido que se investiga a UMA/UFT como Itinerário Formativo, por ser um espaço intergeracional, compatível com os princípios da interdisciplinaridade, contextualização, diferenças culturais, interculturalidade, direitos

humanos e integração entre teoria e prática, requeridas no ensino e aprendizagem (CANDAU, 2012).

Elucida-se que a Educação intergeracional foi apresentada aos pesquisadores nos estudos de graduação, se fez presente em experiências de docência na EJA, em instituições de educação técnica e tecnológica, ensino superior, pós-graduações e em outras práticas educativas que englobam reflexões intergeracionais.

A professora orientadora deste trabalho é referência, ao coordenar a UMA/UFT, a Tecnologia Social tocantinense que compartilha técnicas de (re)planejamento de projetos de vida de pessoas que envelhecem, além de outros produtos educacionais referenciados com a realidade social, que fortalecem a relação entre Universidade e sociedade (DE SANTANA, 2020).

A mesma que atua no fazer, refazer e compartilhar a UMA/UFT para esmerar a construção de uma abordagem contemporânea de Itinerário Formativo para a EJA, destinado à pessoa idosa, assim como a outros alunos e instituições que inclinam para processos de Educação intergeracional com simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e impacto social comprovado (TRANSFORMA, 2013).

O outro pesquisador, mestrando, é natural de Araguaçu, nasceu na época em que a cidade era interior nortense do Estado de Goiás, onde viveu sua infância e teve um relacionamento próximo com seus avós, sujeitos que marcam a sua memória afetiva, pois deixaram a escola formal ainda jovens, e hoje, pessoas idosas, colaboram com a motivação desta investigação em prol da educação dos mais velhos.

Diante das mudanças que fizeram surgir o Estado do Tocantins, mudou-se com seus pais para Formoso do Araguaia

- TO, onde viveu sua adolescência e concluiu a Educação Básica na rede pública de ensino, no tradicional Colégio Estadual Tiradentes. No mesmo município, por meio dos processos formativos de Educação à Distância, alcançou sua primeira diplomação na área da docência, ao graduar-se como tecnólogo de Normal Superior.

Foi também em Formoso do Araguaia, na Escola Municipal Dalci Barros Milhomens, onde funcionou um polo da Educação de Jovens e Adultos, do Colégio de Ensino Médio, do Serviço Social da Indústria (SESI), que ele recebeu sua primeira oportunidade de atuar na docência, e, teve suas primeiras vivências com as pessoas mais velhas que voltaram à Escola e continuaram seus estudos.

Época em que sua principal atuação era auxiliar os alunos a seguirem os currículos escolares do Telecurso 2000, proposta que tinha aulas gravadas, que eram assistidas nas telessalas com o propósito de levar Educação Básica para quem não possuía acesso formal, ou não tinha condições de acompanhar o Programa exibido pelos canais de televisão aberta.

Dessa experiência ele lembra de seus primeiros conflitos entre diferentes gerações, pois era um jovem recém-formado que se deparava com uma classe intergeracional, composta por outros jovens, os adultos e as pessoas idosas. Esta é, portanto, mais uma de suas motivações para divulgar suas descobertas no PPGE/UFT e nas vivências da UMA/UFT em prol da formação de homens e mulheres mais velhos.

Em sua jornada educacional também foi técnico Orientador Educacional de jovens, adultos e velhos nos cursos do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Câmpus Avançado de Formoso do Araguaia. De modo que, na Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica, teve a oportunidade de

especializar-se, pesquisar e escrever sobre a EJA.

E nos caminhos de suas pesquisas e publicações sobre o processo de evasão de jovens, adultos e velhos, que aconteciam nos cursos técnicos do IFTO, alcançou o curso de Mestrado no PPGE/UFT e apresenta neste trabalho o resultado de suas vivências nos locus da UMA/UFT e do Grupo de Pesquisa GIPEEIAH/UFT.

Nota-se que os investigadores que assinam este trabalho, vivenciaram práticas do movimento de construção de currículos escolares e procuraram auxiliar nas investigações que acrescentassem alternativas para os mais velhos. Nesse contexto, querem divulgar como a participação da UMA/UFT pode colaborar nos Itinerários Formativos moldados e escolhidos por pessoas que envelhecem e voltam às Escolas.

Portanto, por falarem, ouvirem, identificarem e lutarem por pautas de homens e mulheres que alcançaram o privilégio de envelheceram, compartilham neste trabalho recomendações que percebem nas possibilidades da BNCC (2018) para os Itinerários Formativos, que podem auxiliar no desafio, que não é recente, mas que foi renovado pela Lei nº 13.415/2017, de integrar e flexibilizar os currículos escolares da EJA.

Afinal, notou-se um processo brusco para aprovação e homologação da nova BNCC, em 14 de dezembro de 2018, quando instituições como o CNE, MEC, CONSED e UN-DIME, coordenaram e divulgaram, em dois anos, com carências inexplicadas, que tais recomendações “já chegaram às salas de aula” (OBSERVATÓRIO, 2021).

E tal movimento imprevisto e mal acentuado chegou ao Tocantins, pois na página do Observatório de Implemen-

tação da BNCC (OBSERVATÓRIO, 2021), há uma área de indicadores com a afirmação de que “todos os 139 municípios tocantinenses já têm seus currículos alinhados à BNCC”.

Uma das dúvidas, reitera-se, envolve como esse alinhamento alcançou a EJA, modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica, que, vale destacar, é definido como política pública educacional para atender o cidadão que “não teve acesso à educação na escola convencional na idade apropriada” (SOUZA, 2022).

Não é pauta deste trabalho a investigação da estrutura dos currículos de escolas tocantinenses, pois o espaço/tempo não o permitiu. Busca-se um diálogo sobre como a UMA/UFT pode colaborar no desafio de ir além das disciplinas “bancárias” (FREIRE, 1997) e auxiliar na formação, como espaço, tempo e conteúdos de Itinerários Formativos “libertadores” (idem).

Ao lado de Freire (1997), sabe-se que um currículo escolar libertador necessita da união entre instituições, para que assumam partes da construção do objetivo comum de um alcance da totalidade, que envolve dimensões concretas da realidade. E como a UMA/UFT busca esse ideal por meio da intergeracionalidade, ela se tornou um espaço abastoso para esta pesquisa.

Ademais, o PPGE/UFT apregoa a formação de profissionais qualificados, para a produção de conhecimento multidisciplinar, por meio da pesquisa no campo educacional. E neste caminho, segue-se Gil (2008); Minayo (2008); Bardin (2011); Triviños (1987); Marconi e Lakatos (2003); Ludke e André (1986), para realizar-se uma análise daqueles que escrevem sobre a Tecnologia Social; embasados em vivências, documentos e registros iconográficos.

Ambiciona-se por um currículo de formação de homens e mulheres que envelheceram e que aprendem com a multidimensionalidade do ser (VYGOTSKY, 2000), por meio da concepção de um caminho escolar democrático que transcende a justaposição de conteúdo e perpassa competências e habilidades ético-políticas (GADOTTI, 2003).

E acredita-se que este trabalho é uma conversa fraterna sobre a liberdade e a amorosidade, tidos como elementos fundamentais para suscitar a colaboração e união em prol de Itinerários Formativos para a pessoa idosa. Ao seguir Freire (1983) e propor um processo cuja matriz é o diálogo respeitoso do saber, que se distancia das colonizações culturais e da opressão.

Ao seguir a proposta de diálogo, buscam-se parcerias que auxiliem na investigação, pessoas e instituições incubidas pela orientação dos currículos tocantinenses. Pois, parte-se da convicção de que outros pesquisadores compartilham das mesmas inquietações, assim como existem de distintas proposições que atendem o mesmo propósito.

A pergunta de como a UMA/UFT pode se tornar um Itinerário Formativo para a pessoa idosa é a primeira de muitas inquietações e o ponto de partida para outras investigações e diálogos que envolvem a concepção do protagonismo de homens e mulheres que envelhecem escolherem caminhos escolares, desde a operacionalização até a avaliação de habilidades e competências.

A hipótese enxerga a UMA/UFT como Itinerários Formativos e estratégia de ensino-aprendizagem para os mais velhos, pois é Tecnologia Social promotora da interlocução entre as áreas do conhecimento a partir da experiência de vida da pessoa idosa, seja no aspecto social, cultural e político e pesquisá-la já favoreceu a materialidade de políticas

de atendimento aos que envelhecem. Nesse contexto, alcança-se o objetivo geral de propor ações da UMA/UFT como Itinerários Formativos para a pessoa idosa, na modalidade da EJA. E divulga-se resultados a partir de cinco Categoria de Análise Temática (CAT), sinalizadores prescritivos em publicações de autores que vivenciam a solução de problemas, com o diálogo entre os saberes científicos e populares (DE SANTANA, 2021).

Com os desdobramentos, disserta-se sobre os objetivos específicos: a) investigar a UMA/UFT como Itinerário Formativo no âmbito do Tocantins; b) articular o currículo intergeracional da UMA/UFT como opção de formação escolar para a pessoa idosa; e c) divulgar a UMA/UFT como caminho de formação na modalidade EJA.

Considera-se que na pesquisa a abordagem epistemológica e dialética, pois compreende-se uma interpretação aos Itinerários Formativos, conectados ao currículo escolar da EJA, a partir da apreensão do fenômeno UMA/UFT, enquanto Tecnologia Social que protagoniza a pessoa idosa em contextos sociais, políticos e culturais.

Cabe introduzir que a pesquisa é um estudo de caso realizado na UMA/UFT, devido à experiência de trabalho dos pesquisadores e interesse dos mesmos em analisar publicações que sirvam de referência para o diálogo, que envolve o protagonismo da pessoa idosa na construção dos currículos escolares tocantinenses.

Selecionou-se resumos publicados em anais de eventos, cujo critério de escolha foi a publicação de um trabalho que investigou ou relatou uma prática educativa intergeracional; e o fato de a publicação caracterizar a disponibilidade dos autores em ter as divulgações referenciadas por esta, e outras, pesquisas.

A abordagem teve cunho qualitativo, visto que, de acordo com Triviños (1987), Bardin (2011) e Marconi e Lakatos (2003), trabalha os dados e procura definições, com o embasamento na percepção do elemento dentro do contexto, unificados com a concessão de peculiaridades e percepções autorais (MERLEAU-PONTY, 1971).

Nos caminhos freireanos, a experiência da produção desta publicação deixa marcas, sabores, imagens, sensações e aprendizagens (FREIRE, 1993). A descrição qualitativa capta o aspecto do elemento, as essências, procedências, relações, compreensões e consequências políticas.

E, assim como alerta Gil (2008), o estudo de caso foi intenso e fatigante de poucos objetos, a saber, onze publicações em anais de eventos de 2022; dos quais, nas orientações de Bardin (2011), divulga-se conhecimentos amplos e delineados em Quadros que apresentam os resultados em categorias (CAT).

De modo que, fundamentadas nas áreas da BNCC (2018), questiona-se: “quais Itinerários Formativos percebe-se na publicação?”; na convicção de que cada Categoria de Análise Temática traga a compreensão da generalidade e estabeleça bases para uma posterior investigação sistemática e precisa.

Assim, utiliza-se da técnica de análise documental de publicações que envolvem a UMA/UFT, enquanto fenômeno social de práticas educativas intergeracionais, ligadas à pessoa idosa, nas quais circunciam elementos sinalizadores prescritivos de currículos escolares em aspectos convergentes prescritos na BNCC (2018).

Divulgam-se os resultados em quatro capítulos, no pri-

meiro estão informações sobre os caminhos percorridos, com efeito de contextualização, justificativa do tema e anunciar procedimentos metodológicos. Nesta esteira, dispostos em: primeiras palavras, apontamentos sobre a análise de conteúdo, e conexões com a Fenomenologia.

O segundo capítulo consiste em uma revisão da literatura pertinente ao tema. Nela é viável observar uma simplicidade teórica como detalhe essencial, para que se possa gerar novos saberes, através da motivação à busca e ampliação dos existentes, ou na construção efetiva de um novo (FREIRE, 2001).

Essa segunda parte, com o título de “Fundamentação teórica”, é, de forma geral, no primeiro plano, a revisão das pesquisas e das discussões de outros autores sobre o tema, e no segundo a interpretação de tais publicações na relação prática dos pesquisadores. Enumerados em quatro seções: a EJA, os Itinerários Formativos, a Educação intergeracional e a UMA/UFT.

Os dois capítulos subsequentes, intitulados “Percepções de Educação Intergeracional” e “Percepções de Educação e Saúde” envolvem as onze unidades analisadas na proposta de Bardin (2011), enumeradas e categoriza por nossa interpretação e inferência; de modo que, para cada quadro e difusão analisada, registra-se “percepções”, “vivências”, “visão política” e “suspeição pedagógica” (MERLEAU-PONTY, 1971; FREIRE, 1983).

Logo, no quarto e último capítulo deixam-se considerações finais sobre o percurso desta abordagem. E, assim como diz Mello (2001), registram-se os últimos rastros desta escrita racional, mas não os últimos rastros que serão deixados durante a jornada e a “multiplicidade das formas de ser racional” (p. 285).

1 CAMINHOS PERCORRIDOS

1.1 Primeiras palavras

O trabalho faz análises de publicações científicas que dialogam e apresentam a UMA/UFT como Tecnologia Social capaz de contribuir para organização de um currículo escolar como Itinerário Formativo, por atuar com indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (GONÇALVES, 2015).

Volta-se o estudo de caso para publicações do GI-PEEIAH/UFT, grupo do PPGE/UFT, multidisciplinar e democrático, que segundo Nunes Filho; Sampaio e Osório (2021) é pioneiro no Brasil na dedicação à pesquisas que envolvem a interação entre membros de diferentes gerações, com atividades que alcançam questões de equidade, conflitos e mobilidade da pessoa idosa.

Segue-se a corrente de pensamento da fenomenologia (HUSSERL, 2010) e nela sistematiza-se métodos que envolvem a empatia sobre a “experiência da experiência alheia” (FILHO, 2014, p. 16), pois o principal objeto do estudo foram documentos construídos por pessoas que vivenciam o fenômeno UMA/UFT, em 2022.

Nesta direção, a divulgação é qualitativa, feita após análise documental e estudos bibliográficos, e busca ser instrumento de diálogo, útil àqueles que almejam compreender os Itinerários Formativos. Afinal, “os dialogantes admiram um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se” (FREIRE, 1974, p. 10-11).

Vale situar que a UMA/UFT possui dezesseis anos de fundação, mantém polos em treze municípios; promove a

formação inicial e continuada das pessoas idosas em temas contemporâneos; opera com doze projetos de extensão, trinta e dois projetos de pesquisas; e alcança milhares de pessoas (PPP/UMA/UFT, 2021).

As publicações escolhidas foram divulgadas em anais de eventos, no ano de 2022, e envolvem trabalhos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos na UMA/UFT, referenciados por: a) documentos institucionais: processos, projetos, relatórios, contratos, convênios; b) registros iconográficos: cartazes, fotografias, folders, publicações em redes sociais, slides, cds/dvds; e c) publicações científicas em eventos, revistas e livros.

Gil (2008) afirma que a “pesquisa aplicada tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos” (p. 27). E resta indubitado que essa pesquisa divulga evidências que corroboram o potencial da UMA/UFT como Itinerário Formativo.

Neste esforço, para o tratamento dos objetivos e apreciação dos resultados, as percepções da parte descritiva (MARCONI e LAKATOS, 2003) são divulgadas em Quadros, em virtude da realização de análise temática para identificar sinalizadores de Itinerários Formativos que podem contribuir no fortalecimento da EJA.

O método descritivo é outra estratégia recomendada por Minayo (2008) em face do desafio da pesquisa social como metodologia para buscar o conhecimento científico. E mediante a abordagem qualitativa, assume-se no estudo de caso uma coleta de dados bibliográficos que corroboram com os objetivos e auxiliam na resposta da pergunta norteadora (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Além de laços com Merleau-Ponty (1971) no propósito de identificar as percepções sobre os Itinerários Formativos e verificar “o movimento e o sentir”. Demo (2021) publicou sobre a educação pela pesquisa, e esclareceu que o ato de investigar é indissociável do ensinar, pois, ao lado da teoria torna-se um questionamento reconstrutivo libertador.

O estudo de caso segue Gil (2008), envolve dezesseis autores e co-autores, onze publicações, elucida alguns dos objetos que formam a UMA/UFT e divulga a Tecnologia Social como fenômeno, com ideias fundamentadas em percepções sobre o universo e limitadas à compreensão do mesmo, no tempo e espaço vivido (MERLEAU-PONTY, 1971).

Sobre a seleção dos homens e mulheres da pesquisa, escolheu-se autores que possuem publicações em anais, cujo critério de inclusão foi o fato de, ao publicar, os autores contribuem com as divulgações sobre a UMA/UFT. Tendo em vista que vivenciam o fenômeno, desejam mostrar algo ao público e tornar a Tecnologia Social conhecida.

Nos caminhos freireanos e da filosofia merleau-pontiana, as publicações envolvem divulgações engajadas na “briga em defesa desse direito, que, no fundo, é o direito também a atuar” (FREIRE, 1993, p. 88). Ou seja, são experiências políticas e educativas, de abordagem epistemológica dialética, que estabelecem relações dinâmicas entre os conceitos de práticas educacionais intergeracionais na UMA/UFT.

De modo que caminha-se com Ludke e André (1986); Triviños (1987); e Marconi e Lakatos (2003) em uma descrição que busca vencer os padrões colonizadores que limitam pensamentos com práticas opressoras tidas como imutáveis (DE SOUSA SANTOS, 2019). Pois em cada Quadro, capta-se aspectos essenciais, procedências, relações e apa-

rições do elemento (FOULQUIÉ, 1978; LEHER, 2012).

Faz-se essa análise à luz de Bardin (2011) e do pensamento freireano por possibilitar a condução aprofundada dos dados coletados para além do que está escrito, permitir inferir sobre uma realidade e oportunizar a expressão dos conteúdos das mensagens através de indicadores, chamados neste trabalho de CAT (Categorias de Análises Temáticas).

Afinal, Morin (2013) afirma que as pessoas encontram conexões existenciais no que vivem e acredita-se que a inferência na análise de conteúdo ajudou na comparação dos dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade, de cada autor alcançado no estudo de caso.

Pelo exposto, a análise do conteúdo organiza-se se a partir das três fases de Bardin (2011): a) na pré-análise, seleciona-se e organiza-se o material a ser submetido aos procedimentos analíticos; b) na exploração, estuda-se o material alcançado; e c) na inferência, trata-se os resultados, na proposição de divulgar percepções fenomenológicas.

Ao seguir Gil (2008) optou-se pela pesquisa em publicações, por serem documentos, que seguem método de compreensão e produção do conhecimento científico, ao passo que se utiliza materiais que já receberam um tratamento analítico, na convicção de serem imprescindíveis para análises dialógicas da comunidade científica. De modo que se escolhe aqueles em que os pesquisadores possuem aproximação e convergência dos expedientes.

Finalmente, segundo a Capes, os eventos científicos são atividades que reúnem pesquisadores e interessados em diversos âmbitos do saber, e são locais onde os pesquisadores discutem e espalham convicções sobre a temática que estu-

dam, assim como acontece no PPGE/UFT.

1.2 A análise de conteúdo

Na análise de conteúdo decidiu-se pelas etapas de Bardin (2011) e envolveu-se o estudo de caso na filosofia merleau-pontyana. Pois dialogou-se com o objeto de estudo num conjunto de técnicas para “além dos seus significados imediatos” a partir da “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção” (p. 35).

Na primeira etapa, a pré-análise, fez-se a leitura das publicações, pois, para Bardin (2011, p. 126) essa leitura deve ser considerada e garante que o pesquisador estabeleça contato com o texto, invadido por impressões, hipóteses e orientações que norteiam as próximas fases.

Nos caminhos freireanos, acoplou-se a interpretações criativas e políticas, que defendem o pluralismo de ideias e a luta contra o tecnopólio da informação (GADOTTI, 2007). Ao passo que pouco a pouco, a leitura tornou-se precisa, com seleções que projetam para os resultados, descritos nesta produção em três recursos: textos, citações e quadros.

Nessa escolha, alcançou-se a compreensão dos textos a partir do “tema” e esse tema tornou-se “unidade de registro” para favorecer o estudo das opiniões, afetividade, crenças, atitudes, valores e ideologias, ou seja, tornou-se “corpo consciente” (FREIRE, 2001), pois, conforme Bardin (2011, p. 135) “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado”.

Assim, após a determinação das unidades de análises,

encaminhou-se para o processo de eleição de “categorias”, agrupadas em elementos comuns da BNCC (2018) e descrições sobre a organização dos Itinerários Formativos alinhados com as Diretrizes da EJA (CNE/EJA, 2020).

Então, elegeu-se cinco Categorias de Análise Temática (CAT): CAT 1: linguagens e suas tecnologias; CAT 2: matemática e suas tecnologias; CAT 3: ciências da natureza e suas tecnologias; CAT 4: ciências humanas e sociais aplicadas; e CAT 5: formação técnica e profissional, ou seja, as cinco possibilidades de Itinerários Formativos propostas na BNCC (2018).

A escolha dessas categorias emergiu a partir dos objetivos da pesquisa realizada, assim como do referencial teórico, que consubstanciam a temática sobre o que é a UMA/UFT e como ela pode contribuir com Itinerários Formativos da EJA, na visão de uma formação intergeracional integral, entre o jovem, adulto e a pessoa idosa. Cabe destacar a estrutura da UMA/UFT na forma prescrita pela Resolução nº 14/2020, da UFT, com um projeto pedagógico inerente aos componentes curriculares dos cursos de graduação, pois já possuem ações orientadas “para áreas de grande pertinência social” (EXTENSÃO/UFT, 2020).

As análises envolvem escritos de trabalhos maiores que refletem a finalidade ideológica e política em que estão desenvolvidas, além de serem partes e elementos de ações concretas de ensino, pesquisa e extensão. Afinal, concorda-se com Duarte (2004) ao recomendar clareza ideológica e política sobre o que divulgado à sociedade.

Por fim, seguidores da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 497), as análises são interpretações sobre a apreensão, experiência, sentidos e olhares sobre o mundo e, conforme explicita Gil (2008),

elas seguem o desejo de “[...] obter informações sobre conhecimentos, interesses, expectativas, aspirações [...]” (p. 121).

A seguir, na última parte desta metodologia, detalha-se até onde foi possível chegar, pois reconhece-se que outros podem ir além, ao analisarem as mesmas publicações referenciadas neste trabalho, ao serem alcançadas por aqueles que desejam conhecer o “vivido” e descrito (HUSSERL, 2010).

1.3 Conexões com a Fenomenologia

As abordagens são baseadas em uma perspectiva fenomenológica, com asserções de “fatos” e “causas” em três etapas: redução, descrição e interpretação (HUSSERL, 2010). Pois, a fenomenologia é uma das grandes orientações teóricas para pesquisas em educação e, segundo Bogdan e Biklen (1994), é recomendada para investigações cuja fonte direta dos dados é um ambiente natural.

“Como a UMA/UFT pode se tornar um Itinerário Formativo e auxiliar na educação da pessoa idosa que estuda a EJA?” Foi a pergunta norteadora desta pesquisa e, em sua resposta, valorizou-se o processo, pois, nas palavras de Minayo (2008), lidou-se com o universo dos significados, motivos, aspirações, valores e das atitudes a fim de entender um fenômeno.

De modo que o estudo de caso segue Neves (1991) e faz uso de um conjunto de asserções, com o objetivo de descobrir fatos e causas que ajudem a entender a significação de acontecimentos e interações humanas, em situações que são particulares dos participantes que vivenciam o fenômeno

UMA/UFT.

Husserl (2006) explica que a Fenomenologia é “o discurso sobre aquilo como é” e ao buscar esse discurso em publicações, destaca-se a “essência” do fenômeno. Ou seja, entende-se sobre o que é, e como a UMA/UFT se mostra em aspectos: históricos, sociais, políticos ligados aos processos formativos da EJA.

Conforme o método fenomenológico, as publicações foram analisadas com perguntas concretas, uma vez que Neves (2005) recomenda o uso de formulações significativas que articulem os resultados com o tema tratado, de modo que essas interrogações estão ligadas às cinco Categorias de Análises Temáticas (CAT).

Tais questionamentos, conforme Quadro 1, levaram em consideração o objetivo geral da pesquisa e são diretas, iniciadas por “quais, qual e como, a fim dar clareza na análise, ao mesmo tempo em que não crie limitações” (BARDIN, 2011).

Quadro 1 - Quadro de Categorias de Análise Temática (CAT) para Itinerários Formativos

CAT	Descrição	Pergunta direta
CAT 1	Linguagens e suas tecnologias	Quais palavras da publicação apontam para a área de Linguagens e suas tecnologias, da BNCC?
CAT 2	Matemática e suas tecnologias	Quais palavras da publicação apontam para a área de Matemática e suas tecnologias, da BNCC?
CAT 3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Quais palavras da publicação apontam para a área de Ciências da natureza e suas tecnologias, da BNCC?
CAT 4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Quais palavras da publicação apontam para a área de Ciências humanas e sociais aplicadas, da BNCC?
CAT 5	Formação técnica e profissional	Quais palavras da publicação apontam para a área de Formação técnica e profissional, da BNCC?

Fonte: os autores.

Com apontamentos de Martins e Bicudo (1983) e Neves (2005), sabe-se que o trabalho alcança o “epoché” da fenomenologia, pois desde início, recusam-se a pressupostos ou pré-concepções sobre um tema e suspendem-se de qualquer julgamento. Afinal, realizam-se as análises sem suposições ou pré-concepções.

Bueno (2003), é um referencial da fenomenologia que recomenda ao pesquisador tirar as “vendas” da teoria, para conseguir conhecer a realidade. Ele é um dos autores que chama essas “vendas” de preconceitos, rótulos, que podem atrapalhar a compreensão do que é investigado na pesquisa.

Ao publicar sobre a UMA/UFT os autores selecionados para esta análise, emitem opiniões, mediadas por métodos aceitos na comunidade científica, ou seja, percebem-se a maneira de pensar, de ver, e até mesmo de julgar um determinado assunto, diante de “descrições que viveu” (NEVES, 2005, p. 50).

Ao investigar a UMA/UFT a partir das leituras de publicações, este trabalho alcançou a etapa de “redução fenomenológica”, e, de acordo com Husserl (2006), essa redução

manifesta a essência do fenômeno. Pois os resultados, não explicam o fenômeno, eles descrevem o que foi sentido, anotado e interpretado nas leituras alcançadas.

Segundo Bueno (2003a, p. 30), é na fase “descritiva dos dados significativos” que a produção se dirige para a “noe-sis” e “noema” (BICUDO, 1983, p. 52). Na qual buscou-se uma relação dialética para compreender, pela intencionalidade, como Itinerários Formativos aparecem nas publicações da UMA/UFT.

Daí a decisão em analisar cada publicação com um olhar cuidadoso do documento (MARTINS E BICUDO, 1989), para fugir de trechos “que comportam aparentes ingenuidades” (NEVES, 2005, p.51). Para isso, na concepção freiriana, os trabalhos foram “estudados” (FREIRE, 2001). Mas, reconhece-se que fragmentos podem ser interpretados como incipientes, e isso é esperado na abordagem fenomenológica.

Assim, as “Unidades de Significados” (BICUDO, 2000, p. 81) que foram encontradas estão nos resultados, de modo que no contexto da publicação são divulgadas em quadros e tornam-se apontamentos de caráter subjetivo dialético, que podem não ser significativos para o outro (MERLE-AU-PONTY, 2012).

Em remate, no lugar dos mesmos resultados, divulga-se a “Compreensão da Situação Relatada na Unidade”, outra etapa fenomenológica “caracterizada por uma descrição das expressões usadas” (NEVES, 2005, p. 52), afinal, registram-se as compreensões sobre como os Itinerários Formativos foram percebidos nos trabalhos analisados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Educação de Jovens e Adultos - EJA

Inicia-se com a Declaração de Hamburgo que divulgou uma Educação Básica para todas as pessoas, independente da idade. De modo que a pessoa idosa tem o direito à oportunidade de desenvolver potenciais, coletivos ou individuais, assim como foi publicado:

Não é apenas um direito, mas também um dever e uma responsabilidade para com os outros e com toda a sociedade. É fundamental que o reconhecimento do direito à educação continuada durante a vida seja acompanhado de medidas que garantam as condições necessárias para o exercício desse direito (Apud, PAIVA; MACHADO e IRELAND, 2004, p. 8)

Na publicação de Paiva, Machado e Ireland (2004), é referido que a Educação deve articular-se às identidades político-pedagógicas e especificidades dos alunos que atende, pois a heterogeneidade sociocultural dos indivíduos requer respeito às especificidades de cada um deles, dentro do espaço social e de características psicossociais.

O universo freiriano convida ao diálogo com as condições objetivas da realidade vivida, e além dele, o inciso I do Artigo 208, da Constituição Federal (1988) determina o dever do Estado de assegurar a oferta gratuita de Educação para “todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria”.

Ao saber disso, cabe à sociedade civil organizada cobrar o cumprimento de tal mandamento constitucional, reiterado nos Artigos 4º e 37 da LDB, ao atribuir ao poder público a responsabilidade de viabilizar o acesso e a permanência, mediante ações integradas, com oportunidades que considerem os interesses do aluno (DAMASCENO e SANTOS,

2015).

Como modalidade da Educação Básica, a EJA destina-se aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Ou seja, na concepção de Azevedo (1997), acredita-se que é onde a pessoa idosa voltará ao desafio dos estudos regulares, pois algo a afastou da Escola em idade anterior, tida como apropriada. De modo que, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, a EJA é apontada para oferecer oportunidades educacionais apropriadas, consideradas:

as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos, exames, ações integradas e complementares entre si, estruturados em um projeto pedagógico próprio [...] além de pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço (DCNEB/MEC, 2013, p. 71-72).

Entrementes, não há como fugir à reflexão de De Pinho (2017) sobre as perspectivas de uma formação humana que encaminha para a construção de percursos individualizados e conteúdos significativos. De modo que se reforce o cuidado de atender aos diferentes anseios da pessoa idosa no processo de aprendizagem.

Ao passo que os cursos de EJA devem pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, em seis dimensões:

Quadro 2 - Dimensões e recomendações para os cursos de EJA

DIMENSÃO	RECOMENDAÇÃO
I	Romper a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para os jovens e adultos.
II	Prover suporte e atenção individual às diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas.
III	Valorizar a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes.
IV	Desenvolver a agregação de competências para o trabalho.
V	Promover a motivação e orientação permanente dos estudantes, visando à maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho.
VI	Realizar sistematicamente a formação continuada destinada especificamente aos educadores de jovens e adultos.

Fonte: DCNEB/MEC (2013) e CNE/EJA (2020)

Para compreender essa relação o MEC divulga propostas, que servem de apoio aos sistemas de ensino que ofertam a EJA, em documentos apresentados como subsídios “à elaboração de projetos e propostas curriculares a serem desenvolvidos por organizações governamentais e não-governamentais, adaptados às realidades locais” (EJA/MEC, [s.d.]). Enfatizam-se que a EJA é voltada para a garantia de formação integral e abrange diferentes etapas da escolarização, com a obrigação de ser pautada pela inclusão e pela qualidade social. Afinal, em Sacristán (2017), entende-se que o currículo escolar, construído com a comunidade, desde a formação de professores até a rotina e avaliação das turmas, alcança essa garantia.

Ao fazer a leitura crítica dessas perspectivas, cidadãos, professores e pesquisadores, convergem de que a modalidade que recebe os jovens e adultos é um espaço apropriado para acolher a pessoa idosa, e que as políticas públicas podem ir além da realização de exames de conclusão, ao oferecer possibilidade de trocas de experiências intergeracionais com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Essa perspectiva está posta nas orientações normativas (MACEDO, DOS SANTOS E ROCHA, 2021), e se pessoa

idosa está agrupada com os adultos, os processos formativos que os demanda pelo zelo de criarem a “condição sine qua non para expandir e melhorar as condições de ensino” (TORRES, 1992, p. 20). Assim como recomenda Moura (1999) sobre práticas pedagógicas da EJA ligadas às contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky.

De modo que, ao envolver a pessoa idosa em práticas político-pedagógicas que alcancem o contexto que ora se vive, é possível ressignificar o percurso formativo com a valorização de experiências e promoção de vivências socializadoras entre gerações (OSÓRIO; SILVA NETO; e MONTEIRO, 2013). Recomendações já propostas pelo MEC para os cursos de EJA, ao citar a agregação de competência e habilidade:

promovidas na motivação e a orientação permanente dos estudantes, visando maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho; realizada, sistematicamente, a formação continuada, destinada, especificamente, aos educadores de jovens e adultos (DCNEB/MEC, 2013, p. 71-72).

Destarte a possibilidade de uma Tecnologia Social tornar-se parte do currículo escolar da EJA, pois Freire, citado por Moura (1999), afirma que uma competência tem início com a compreensão de que “mudar é difícil, mas é possível”, e essa compreensão permite o entendimento de condições objetivas e subjetivas vivenciadas no tempo presente. Afinal, ao se diagnosticar a realidade das políticas públicas, Coutinho e Lagares (2017) apontam caminhos a serem superados, na busca de uma sociedade letrada em todas as idades.

Nos caminhos freireanos, é próprio do ser humano o impulso de conhecer o mundo e compreender nuances da realidade (GADOTTI, 2003), portanto, todas as pessoas têm, em qualquer idade, capacidade de ampliar conhecimentos

e partilhar do acervo cultural, científico, tecnológico e artístico construído pela humanidade. Nesta perspectiva, traz-se à baila a participação da UMA/UFT, apresentada por Osório et al (2018) como lugar de propostas que envolvem um espaço educacional integrado à pessoa idosa. Ou seja, oferecer-lhe momentos de aquisição de saberes, a elevação da autoestima, a valorização pessoal e conhecimentos para o exercício pleno da cidadania.

Por fim, o que está apresentado para a EJA elucida a continuação dos expedientes em prol da pessoa idosa nas instituições que ofertam oportunidades aos que “não concluíram em idade própria”. Ou seja, auxiliar homens e mulheres que envelheceram, no processo de busca pela autonomia, soberania e autogestão cidadã (PACHECO, 2005).

2.3 Os Itinerários Formativos

Inicia-se o diálogo sobre os Itinerários Formativos com o que está posto no espaço criado para o cidadão tirar dúvidas sobre as mudanças que aconteceram no ensino brasileiro. Trata-se de uma das guias na página oficial do MEC que publica as principais perguntas e respostas sobre tais mudanças.

Nela está posto para a pergunta: “o que são os itinerários formativos?”:

são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (FAQ/MEC, [s.d.]).

Ao passo que, segundo a BNCC (2018) as áreas do conhecimento que podem ser aprofundadas são: I) matemáticas e suas tecnologias; II) linguagens e suas tecnologias; III) ciências da natureza e suas tecnologias; IV) ciências humanas e sociais aplicadas; e V) formação técnica e profissional. Já de acordo com a Portaria MEC nº 1.432/2018, os Itinerários Formativos, são um de conjunto de situações e atividades educativas que os estudantes podem escolher conforme o interesse próprios e condições de oferta do sistema de ensino, para aprofundar e ampliar aprendizagens:

[...] que se organizam a partir de quatro eixos estruturantes que visam integrar e integralizar os diferentes arranjos, bem como criar oportunidades para que os estudantes vivenciem experiências educativas profundamente associadas à realidade contemporânea, que promovam a sua formação pessoal, profissional e cidadã (MEC, 2018).

Como esclarece o próprio MEC, pode-se unir “os conhecimentos de duas ou mais Áreas do Conhecimento à formação técnica e profissional” (FAQ/MEC, [s.d.]). Ou seja, traz luz ao equívoco de que os Itinerários Formativos envolvem somente a formação técnica e profissional (PACHECO, 2005). Eles estão entre as principais mudanças do Novo Ensino Médio e podem ser considerados uma conquista pelo fato de serem “flexíveis”, Figura 1, (BNCC, 2018). Ao passo que, na nova proposta, eles devem envolver situações de aprendizagem que permitam o aluno produzir conhecimentos e desenvolver projetos presentes e futuros.

Figura 1 - Itinerários Formativos na BNCC



Fonte: BNCC (2018, p. 469)

As raízes freireanas fortalecem a defesa de que a educação é um projeto de humanização (FREIRE, 1993), e essa percepção é constatada na resposta do MEC ao afirmar: “as redes de ensino terão autonomia para definir quais os Itinerários Formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar” (FAQ/MEC, [s.d.]).

Na página de esclarecimentos de dúvidas do MEC, esclarecem-se que os Itinerários Formativos devem possibilitar ao aluno “aprofundar seus estudos na(s) área(s) de conhecimento com a(s) qual(is) se identificam ou, ainda, em curso(s) ou habilitações de formação técnica e profissional” [s.d.].

De modo que se considera uma notável nitidez político-educativa, divulgada por Freire e outros, para a recusa de concepções vocacionistas e tecnicistas, na luta por currículos escolares que contribuam para maior interesse do aluno em acessar a escola e nela permanecer. Ao passo que, o patrono da Educação Brasileira afirma:

a visão tecnicista da educação, que a reduz a técnica pura, mais ainda, neutra, trabalha no sentido do treinamento instrumental do educando, considera que já não há antagonismo nos interesses, que está tudo mais ou menos igual, para ela o que importa mesmo é o treinamento puramente técnico (FREIRE, 1995: 79).

À pessoa idosa, diante da possibilidade de escolher os caminhos de formação, fortalece-se uma concepção de educação democrática - para e pela participação - é uma contribuição contra a padronização de conteúdos e/ou a transmissão de uma “bem-comportada sabedoria” (FREIRE, 1995). É notório que, ao se olhar para a Lei, constata-se que os alunos são orientados na escolha dos Itinerários Formativos. Nesse interim, a norma dispõe para que o aluno construa um projeto de vida como momento desencadeador da reflexão sobre o que se deseja conhecer e estudar (COSTA, 2015) nas possibilidades do sistema de ensino (BNCC, 2018).

Em Juliá (2001), compreende-se como a EJA pode criar os espaços e tempos de diálogo com os alunos, pois na visão de cultura escolar, as instituições de ensino mantêm “relações conflituosas ou pacíficas, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas” (p. 10). Ao passo que, os que têm algum contato com a obra de Freire reconhecerão que o trabalho do educador sempre é concebido e praticado em uma corrente ideológica de natureza sociopolítica (FRIGOTTO; CIAVATTA e RAMOS, 2005 e GADOTTI, 2013). Essa concepção não é homogênea e, pois, assim como afirma Lopes (2019), cada escola possui a missão educacional de possibilitar uma aplicação eficaz de um projeto político-pedagógico único.

Destarte construir Itinerários Formativos contextualizados com concepções dos que envelhecem, concorda-se com

De Santana (2020), em seu apontamento de que a Tecnologia Social UMA/UFT respeita a capacidade física, mental e social da pessoa idosa de fazer escolhas responsáveis e conscientes durante o desenvolvimento de um projeto de vida.

Por dezesseis anos a bandeira UMA/UFT é pelo respeito aos saberes da pessoa idosa (NUNES FILHO; SAMPAIO; e OSÓRIO, 2021), pauta que converge com os Itinerários Formativos, ao trazerem à tona a questão da democratização do ensino e o desafio de romper a visão do saber como “privilégio” daqueles que dominam a linguagem científica (ITS, 2004).

Deste modo como fazem De Sousa e De Pinho (2020) dialoga-se com educadores sobre questões surgidas na BNCC (2018) e divulga-se, no âmbito da UMA/UFT, um espaço de acesso ao corpo de conhecimentos acumulados pela pessoa idosa, possíveis de transmissão e permutas com as novas gerações (DA COSTA e OSÓRIO, 2021). A concepção dos Itinerários Formativos converge para as quatro dimensões de uma Tecnologia Social, e divulgar esses conceitos traz ênfase à democratização do saber e promoção do acesso ao conhecimento científico na EJA e em outras fases e etapas da Educação (TAUCHEN, 2009).

Reconhecem-se que a atual BNCC (2018) possui “armadilhas” que tem gerado críticas à reforma (LOPES, 2019). Mas, ao lembrar de Freire, na época em que foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo, entre 1989 e 1991, os educadores possuem condições de escaparem de tais “amarras” e manterem o propósito de “ignorar prioridades” que desumaniza homens e mulheres (GADOTTI e FEITOSA, 2018).

Vygotsky (2000), Gadotti (2016) e Villas-Boas (2016)

manifestam que é característica do ser humano aprender ao longo de toda a vida. E para essa aprendizagem alcançar a pessoa idosa, as escolas de EJA podem, com autonomia, definir uma organização pedagógica que considere as particularidades e características de cada aluno (BNCC, 2018). Acredita-se que ao empoderar a pessoa idosa a fazer uso da palavra, organizar projetos de vida escolar, lutar e conquistar novos direitos (PIENTA, 2014), é possível mobilizar homens e mulheres em prol da viabilidade democrática da construção de Itinerários Formativos com o maior número possível de Áreas de Conhecimento.

É oportuno, fugir dos discursos hegemônicos, num momento em que os Itinerários Formativos tendem para a formação técnica e profissional (RAMOS, 2012), por meio de diálogo com as outras áreas de formação, que dão fulgor teórico e intelectual aos objetivos da Educação.

Segundo Teixeira (2017) poucas alterações foram discutidas sobre a mudança no conceito do termo Itinerário Formativo. E um dos aspectos que se observa foi a indicação de algo “que forma ou serve para formar, que contribui para a formação ou para a educação de algo ou alguém” (p. 60).

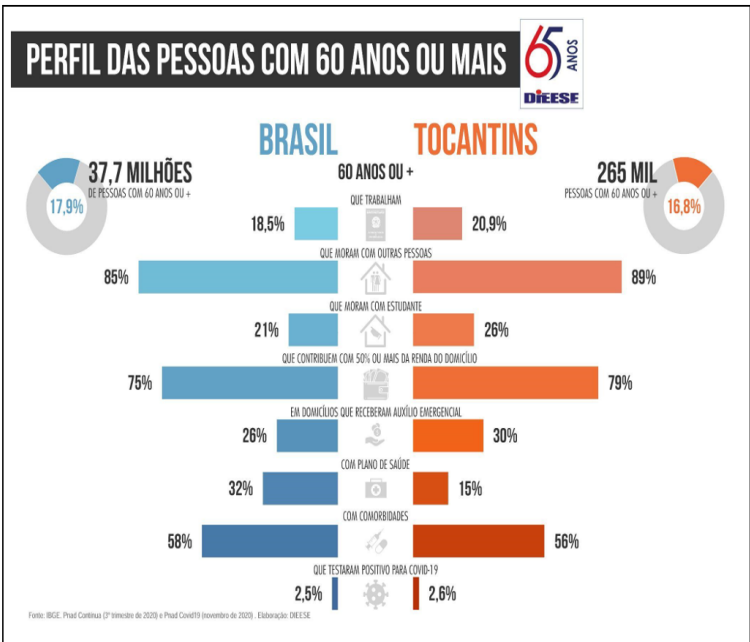
Essa possibilidade de interpretações foi citada por Dos Santos Pereira e De Oliveira Cortes (2022), ao analisarem as concepções da linguagem da BNCC (2018). Elas afirmam existir um evidente espaço para a “interrogação, interpretação, discontinuidades, multiplicidade de relações e de sentidos outros” (p. 192). Portanto, este trabalho não é uma performance competitiva contra os que já possuem e seguem Itinerários Formativos. Ao contrário, é uma conversa técnico-científica ao lado do que se vive no tempo presente, limítrofe ao envolvimento de práticas educacionais intergeracionais com o protagonismo da pessoa idosa.

2.4 A Educação Intergeracional

É de Oliveira (2018) a premissa de que a educação intergeracional “é um processo de desenvolvimento pessoal e social” (p. 23). De modo que o propósito neste capítulo é oferecer algumas reflexões da concepção de educação, que envolve o desenvolvimento da pessoa idosa, em Itinerários Formativos que dialoguem com a EJA e a UMA/UFT.

Sobre as características da pessoa idosa, o DIEESE é uma importante instituição do movimento sindical brasileiro que publica pesquisas para subsidiar as demandas sociais nacionais; e em uma delas é divulgado o perfil da pessoa idosa no Brasil e no Tocantins, conforme Figura 2.

Figura 2 - Perfil da pessoa idosa - Brasil/Tocantins



Fonte: IBGE. Pnad Contínua (3º trimestre de 2020) e Pnad Covid19 (novembro de 2020). Elaboração: DIEESE

O que chama a atenção nos resultados do DIEESE é a porcentagem de pessoas idosas que “moram com estudante”, a saber vinte e um por cento, no âmbito Nacional, e vinte e seis por cento, no âmbito do Tocantins. Ou seja, um número expressivo de pessoas que se relacionam e acessam trocas de saberes intergeracionais (OSÓRIO, 2018).

Sobre isso, Ferrigno (2015) cita que a Educação intergeracional “é uma ação socioeducativa que tem como objetivo geral a realização de atividades em grupo com crianças, adolescentes e idosos, no intuito de fomentar a comunicação entre diferentes gerações” (p. 86).

Há razões para argumentar sobre essa troca de conhecimentos entre gerações, após aumento no número de pessoas idosas no mundo, uma delas é a convocação para que a sociedade civil organizada, governos e pessoas reúnam forças em prol da “Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030”, declarada pela ONU (OPAS/OMS, 2021).

Ao divulgar tais possibilidades, somam-se com a estratégia mundial que alcança e apoia ações de construção de uma sociedade para todas as idades. E caminha-se com Freire (1997) na busca para que a pessoa idosa seja protagonista de histórias, individuais e coletivas, por meio do diálogo com outras gerações.

A UMA/UFT colabora na iniciativa global e populariza como as pessoas idosas contribuem nas comunidades (PERRISSE e MARLI, 2020); mantém ações ligadas às segmentações, influências e valores com respeito a cada geração (KOTLER, 1998, p. 234; MENETTI, 2013); reduz o preconceito etário; e combate estereótipos de que ao envelhecer o ser humano torna-se inútil (DEBERT, 1999; e BEAUVOIR, 2018).

Faleiros (2007), é um dos escritores sobre essa realidade e defensor da promoção da cidadania e dos direitos da pessoa idosa. Ele cita que a violência é um processo social relacional complexo e diverso, e “a violência contra os idosos está disseminada na sociedade, mas de modo diferenciado, por região, instituições, família, organização” (p. 53).

Freire (1997, p. 46) afirma que “uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos, nas relações uns com os outros se reconheçam”. De modo que a Educação intergeracional é um caminho possível para a troca de experiências que humanizem conflitos. Logo, entende-se que o convívio intergeracional é um caminho para amenizar tais embates, pois além da transmissão linear de saberes, promove a permuta em todas as gerações envolvidas num processo de aprendizagem coletivo. Ou seja, incentivam, promovem, vivem juntas a troca de saberes que reforçam laços afetivos e conquistas sócio-históricas (OLIVEIRA, 1999).

Um exemplo é dado por Oliveira (2000); Osório e Andrade (2000), pois afirmam que a criança é um ser capaz de ensinar, ao mesmo tempo em que a pessoa idosa é capaz de aprender. Ou seja, é preciso levar em consideração as condições em que os homens e mulheres são submetidos para entender como a Educação intergeracional acontece em “relações espontâneas entre conceitos, métodos e técnicas” (MAGALHÃES, 2000, p. 41).

Ao “perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento” (FREIRE, 2001: 10) o ser humano mantém relações de troca de saberes. Pois mulheres e homens, em todas as idades, são dotados de uma vocação intelectual de discutir temas referentes às “características, necessidades, preocupações, semelhanças e diferenças intra e inter-

gerações” (SILVEIRA, 2002, p. 8).

Silveira (2002) afirma que existem conflitos, que, em um olhar humanizado, são, na verdade, possibilidades de intercâmbio e de diálogo entre as pessoas de faixas etárias bastante diferentes. Ao mesmo tempo, Gadotti (2003) resalta que nos momentos de conflitos, o ser humano tem a possibilidade de reorganização e formação interpessoal.

Na UMA/UFT a interação entre diferentes gerações envolve a dimensão atemporal, como acontece, entre avós e netos (OSÓRIO, 2018). E essa presença intergeracional de homens e mulheres, requer as percepções de cada um, ou seja, “a criança abordando a sua vivência, e o idoso, que transcende o hoje e resgata as suas reminiscências” (NOVAES, 1997).

Em Freire (2017) encontram-se os “homens e mulheres históricos”, que se “refazem” a cada dia; e ao desvelar lembranças das próprias experiências com filhos e netos a pessoa idosa passa pela aceitação da própria velhice, vence preconceitos e ultrapassa o isolamento que corrói a autoestima e a saúde mental (BARROS, 1987).

É esse potencial que faz da Educação intergeracional um caminho possível de ser trilhado nas organizações curriculares e nos Itinerários Formativos da EJA. Talvez, conforme destaca o sociólogo Dumazedier (1992, p. 9), num primeiro momento, ao dar à pessoa idosa a “função de transmissão de conhecimentos às novas gerações”.

Mas, assim como explica Nunes Filho; Osório e Macêdo (2016), nas etapas de realização do projeto Ecoponto na Escola, com a UMA/UFT, a pessoa idosa participa de formações e estudos sobre o tema proposto. Ou seja, existem motivações concomitantes para o ensinar e para o aprender

(GADOTTI, 2007).

Nesse contexto, o diálogo das gerações contribui para a garantia de um envelhecimento ativo e saudável (FERREIRA, 2012), promove a emancipação das pessoas de diferentes gerações (BOTH, 1999) e propicia possibilidades de formações para percurso formativo da EJA, enquanto modalidade de ensino (SAVIANI, 1994).

2.5 A Casa Amarela

“Casa Amarela é como chamam as crianças envolvidas no universo intergeracional e encantador da UMA/UFT” (OSÓRIO, 2022), uma Tecnologia Social que contribui no diálogo sobre o processo de envelhecimento do ser humano, protagoniza homens e mulheres que envelhecem e provoca gerações em prol do envelhecimento ativo e digno (OSÓRIO e SILVA NETO, 2021).

Em dezesseis anos, a UMA/UFT é referência como ferramenta tecnológica para solucionar problemas sociais que envolvem a pessoa idosa e na oferta de cursos, projetos e campanhas que promovem o diálogo intergeracional e resolve conflitos, pautada no saber da comunidade como matéria prima para o ensino (ARROYO, 1986).

Sampaio e Osório (2022) divulgam um estudo sobre o perfil da pessoa idosa atendida pela UMA/UFT e a apontam como um local relevante e considerável para atividades que envolvem aqueles que atingiram o envelhecimento. De modo que Soares (2008) sugere a manutenção de tais espaços para superar o abandono dos que envelhecem em nossa sociedade.

O espaço é referência para ações de Educação intergeracional e Educação em Saúde com a pessoa idosa (PACTO/

UMA/UFT, 2021), por meio de metodologias que atentam para a complexidade do processo de envelhecimento, nos quais o participante pode “expressar suas dúvidas educacionais sobre autocuidado, bem como suas preferências em relação à forma de condução das atividades” (DOS SANTOS BARCELOS et al, 2022. p. 4).

De Carvalho Silva et al (2022), realizou pesquisa com os mais velhos atendidos pela UMA/UFT, identificou que são ativos nas atividades do programa de aprendizagem e citou que “apesar de terem idade acima de 60 anos, conseguem realizar atividades educativas e compreender o que é transmitido” (p. 6).

De modo que as atividades educativas desenvolvidas na UMA/UFT, conseguem manter um grupo de tocantinenses alcançados pela instituição em situação socioeducacional ativa, que auxilia no processo de envelhecimento ativo e saudável e retira a pessoa idosa do sedentarismo (DE CARVALHO SILVA et al, 2022). Por recusar pensamento fatalista neoliberal (ASSUMPÇÃO, 2009) e comprometer-se com a democracia, a UMA/UFT alcançou o reconhecimento de Tecnologia Social com características que servem de referência para outras iniciativas que pretendem promover a cidadania da pessoa idosa de forma ativa (ITS, 2012).

Essa compreensão é percebida na figura abaixo as quatro dimensões de uma Tecnologia Social:

Figura 3 - Dimensão de uma Tecnologia Social



Fonte: ITS (2012)

O Art. 230 da Constituição da República Federativa do Brasil delega à família, à sociedade e ao Estado o dever de amparar, assegurar direitos, defender a dignidade e bem estar, e garantir a cidadania da pessoa idosa (CRFB, 1988) e, como se observa nas palavras de Oliveira et al (2022b), essa recomendação é alcançada nas ações da UMA/UFT.

Os autores explicam que nos espaços da Casa Amarela os momentos educativos envolvem seres humanos de todas as idades que se rodeiam, se aceitam, vivem um tempo sócio-histórico-crítico de educação formal e não-formal (BIANCONI e CARUSO, 2005), agem, pensam sobre o que fazem e interpretam “suas ações dentro e a partir da realidade vivida” (OLIVEIRA et al, 2022c, p. 18382).

Seguem Silva (2016) ao destacar manifestações de um currículo escolar envolvidas com os saberes científicos e populares dos alunos; e Costa (2015) ao analisar a proposta político-pedagógica e concluir que a UMA/UFT oportuniza

qualidade de vida à pessoa idosa, por meio da integração entre pessoas de diferentes gerações.

Ao abordar o reconhecimento de saberes e experiências de vida, a UMA/UFT mergulha nas concepções freireanas e alcança outras questões epistemológicas, pedagógicas e normativas. O nome Casa Amarela vem dessa concepção, pois foi dado pelas crianças ao lugar onde brincam e interagem com os vovôs, ou seja, onde aprendem nos moldes da Educação Infantil (OLIVEIRA, 2000). Ao passo que se enxerga nela o que Silva (2016, p. 104) chama de “perspectiva crítica de currículo, contingente e relacional”.

E se “não podemos olhar para um currículo com a mesma inocência de antes” (SILVA, 2016, p. 150), é salutar valorizar os espaços de convivência social que promovem o conhecimento, dentre eles, aqueles que se voltam para um envelhecer sadio e digno, com a participação da pessoa idosa, enquanto sujeito histórico (OSÓRIO E SILVA NETO, 2021).

Neste caminho, acredita-se na autonomia dos sistemas de ensino para construírem políticas específicas à pessoa idosa, com abordagens holísticas sobre o envelhecimento humano. E concorda-se com Osório e Silva Neto (2021) sobre valorizar-se a construção humana ao longo da história, em relações interpessoais e intrapessoais.

Portanto, percebe-se que a UMA/UFT resgata a cidadania, em diálogos cujo foco é o reconhecimento dos saberes da pessoa idosa e pois concorda-se com teóricos que defendem formas concretas de efetivação dos referenciais históricos, para promoverem mudanças, desde o senso comum até a consciência filosófica (SAVIANI, 2013).

Esses argumentos convergem com recomendações de

Gonçalves (2015), ao apresentar a indissociabilidade com princípio às práticas universitárias, pois a estratégia da UMA/UFT é de atuar conforme o que os homens e mulheres estudam (ensino), constroem com a comunidade (extensão) e alcançam nas pesquisas sobre a pessoa idosa.

Mediante o exposto, a UMA/UFT é um programa especial para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos (PPP-UMA/UFT, 2021), e ao seguir Freire (1983), e vislumbra-se a possibilidade de uma aliança com a EJA, com currículos escolares que contemplem os Itinerários Formativos em cinco áreas temáticas e com os temas transversais de cunho social, cultural e político em prol daqueles que envelhecem.

3. PERCEPÇÕES EM EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

Os trabalhos selecionados foram publicados nos anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo (Sigero), que envolveu o grupo de estudantes do PPGE/UFT e os acadêmicos da UMA/UFT, assim como outros pesquisadores do Brasil e de outros países (SIGERO, 2022).

As seções desta parte do estudo envolvem os artigos selecionados na pré-análise e agrupados na unidade de registro e contexto com a Educação Intergeracional, com as respectivas interpretações por inferência (BARDIN, 2011). que correlacionam com a investigação de como a UMA/UFT pode somar com os Itinerários Formativos da BNCC e articular um currículo escolar intergeracional que contemple a pessoa idosa na EJA.

O Sigeró (2022) tornou-se relevante para a pesquisa, pela forma de organização, ao envolver as pessoas idosas, alunos da UMA/UFT, durante momentos de trocas de conhecimentos intergeracionais que aconteceram nas aulas da disciplina de Tópicos Especiais em Educação Intergeracional do PPGE/UFT, no primeiro semestre de 2022.

Assim como Candau (2012) o fez, ao investigar questões relativas às diferenças culturais entre educadores/as:

Situo-me na perspectiva da interculturalidade crítica. Tendo esta como ponto de partida para os trabalhos que venho realizando, considerei necessário construir, de modo coletivo, no espaço do grupo de pesquisa que coordeno, uma concepção de educação intercultural que servisse de referência comum para os trabalhos da equipe (Candau, 2012, p. 244).

Cumpre salientar a importância das articulações com instituições internacionais como OPAS/OMS, o MSSS/Cabo Verde (África), a RUTIS (Portugal), o ISCSP (Portugal), e o PCCIL (Portugal). Afinal, Ramos (2009) aponta que as novas realidades tencionam por novas estratégias “baseadas numa perspectiva global e multi/interdisciplinar” (p.11).

Vale ressaltar que o evento envolveu entidades responsáveis pela articulação interministerial e intersetorial das políticas de promoção e proteção aos Direitos Humanos no Brasil, como o CNDI; o DataSenado; o MMFDH; e a SNDPI e tornou-se parte delas ao protagonizar resultados integrados que respondem com eficácia à solução de um problema.

Visualiza-se aí uma prática defendida por Azevedo (2001) ao entender que a política educacional, enquanto elemento de normatização de um governo, guiado pela sociedade civil, deve ser entendida como uma articulação global da sociedade, por meio de um projeto integrado. Ao passo que, destaca-se a fala do secretário da SNDPI, Antô-

nio Costa:

com eventos como este, estamos promovendo uma nova conscientização em defesa da pessoa idosa, é importante que possamos ter momentos de discussão para modificar a política de envelhecimento em nosso país, e precisamos alcançar as escolas, lugares potenciais para auxiliar nessa luta (Antônio Costa, secretário da SNDPI, na abertura do Sigero, 2022).

Registra-se que assunto trazido nessa vereda, envolve instituições de direito privado, das quais aponta-se a Unicatólica, e a fala da representante, a professora Chryss Macêdo, durante uma das conferências “a UMA/UFT possui potencial para auxiliar as políticas públicas tocantinenses que atendem os idosos”.

Por fim, nesta parte, compartilha-se, com quadros das categorias temáticas escolhidas para os objetivos desta produção. Ou seja, nossas percepções de Itinerários Formativos sobre as abordagens típicas de práticas educacionais intergeracionais; divulgadas sob a lógica de homens e mulheres que envelhecem e convivem com diversas gerações em produtos educacionais da UMA/UFT, que, por sua vez, podem alcançar currículos escolares da EJA.

3.1 A contação de histórias dos anciãos indígenas

O trabalho “A educação intergeracional na contação de histórias dos anciãos indígenas da Universidade da Maturidade - UMA/UFT de Tocantínia - Tocantins”, envolve investigações e observações realizadas no território indígena de Tocantínia - TO, onde a UMA/UFT mantém um polo para imersão e atendimentos que envolvam a cultura indígena como produção material e imaterial do povo Akwê-Xerente.

O quadro a seguir, tabula a análise do trabalho diante dos objetivos desta dissertação:

Quadro 3 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “A educação intergeracional na contação de histórias dos anciãos indígenas da Universidade da Maturidade - UMA/UFT de Tocantínia - Tocantins”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Histórias orais; orientações constitucionais e legais.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Não identificado.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Povo <u>Akwê-Xerente</u> ; território indígena de <u>Tocantínia</u> - TO; cultura indígena.
5	Formação técnica e profissional	Gerontologia; Educação intergeracional.

Fonte: os Autores.

A publicação é relevante ao abordar o ato de contar histórias como potencializador na transmissão de ideias, conhecimentos e experiências de uma pessoa para outra; e envolver o contato que a pessoa idosa, indígena, mantém com os mais novos, para trocarem experiências e aprenderem uns com os outros (Santana et al, 2022).

Nela, visualiza-se o apontar da BNCC (2018) para as competências específicas e habilidades, que compreendem o funcionamento das diferentes linguagens em relações com as práticas culturais, artísticas, corporais e verbais, além de:

mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade (BNCC, 2018, p. 491).

De modo que, nota-se como o polo da UMA/UFT contribui com as escolas de Tocantínia - TO ao dialogarem com

currículos escolares que envolvem a pessoa idosa indígena. Cidadão que volta à Escola para continuar estudos, seja na EJA ou em outra possibilidade que o sistema de ensino ofereça. Esse retorno amplia possibilidades de compreensão e análise aprofundadas e sistemáticas do funcionamento das diferentes linguagens (BNCC, 2018, p. 491), tendo em vista que proporciona momentos de contação de histórias intrínsecas às demais culturas (MATOS, 2014).

Outro apontamento oportuno é o objetivo de “divulgar cientificamente como acontece a Educação intergeracional no local que reúne crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos indígenas e não indígenas, em momentos de práticas educativas” (Santana et al, 2022, p. 1). Ou seja, o interesse comum de compreender como as atividades da UMA/UFT contribuem com os currículos tocantinenses.

Por fim, os resultados da publicação sinalizam a importância da intergeracionalidade e ações que envolvam o diálogo entre os povos indígenas e não indígenas da Amazônia Legal e alcança reflexões quanto à gestão democrática da/na Educação, recomendadas por Lagares, Rocha e Santos (2014) ao escreverem sobre a institucionalização e gestão da educação nos municípios do Tocantins.

3.2 Os velhos na Escola de Tempo Integral

Os autores do artigo “A intergeracionalidade e sustentabilidade como ferramenta de aproximação entre velhos e crianças do 4º ao 5º ano na Escola Integral Vinícius de Moraes” apontam o cenário mundial e falam de intergeracionalidade e de sustentabilidade como atividades desafiadoras, “pois o envelhecer é uma das certezas que temos e a sustentabilidade é um dos caminhos para mantermos nossas

fontes naturais” (SOUSA SÁ et al, 2022, p. 1).

Alcançam-se com a análise:

Quadro 4 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “A intergeracionalidade e sustentabilidade como ferramenta de aproximação entre velhos e crianças do 4º ao 5º ano na Escola Integral Vinícius de Moraes”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Música; oralidade; dança; poesias.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Fontes naturais; sustentabilidade; Educação ambiental; reciclagem.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Cenário mundial de envelhecimento.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional; Educação ambiental.

Fonte: os Autores.

O trabalho envolve crianças e os mais velhos, durante as atividades de um projeto que tem como foco a Educação Ambiental no Ensino Fundamental, com o protagonismo da pessoa idosa e identifica-se nesta ação as possibilidades de Itinerários Formativos que contemplem o que está posto na BNCC:

Nas sociedades contemporâneas, muitos são os exemplos da presença da Ciência e da Tecnologia, e de sua influência no modo como vivemos, pensamos e agimos: do transporte aos eletrodomésticos; da telefonia celular à internet; dos sensores óticos aos equipamentos médicos; da biotecnologia aos programas de conservação ambiental (BNCC, 2022, p. 547).

Neste caminho, Sousa Sá et al (2022) registra que já es-

tão entre os resultados análises fenomenológicas das atividades desenvolvidas com a temática intergeracionalidade e sustentabilidade, e cita a “musicalidade, dança, oralidade, orientações sobre sustentabilidade, oficinas de poesias e reciclagem, entre outras” (p. 1).

Ao passo que, vislumbra-se Locke (1991), ao afirmar que os conhecimentos dependem dos sentidos vividos por quem aprende, ou seja, as qualidades predominantes num objeto são reconhecidas se percebidas pelos órgãos adequados a percebê-las, enquanto habilidade para captar, processar e entender a informação que os sentidos e vivência oportunizam.

Os Itinerários Formativos destinados à pessoa idosa podem envolver uma abordagem particularizada da velhice, considerada para uns como o último ciclo da vida; já para outros como uma experiência subjetiva que envolve diferentes formas do fazer e aprender (NUNES FILHO; OSÓRIO e MACÊDO, 2016).

3.3 Uma proposta curricular de EJA

O grupo apresenta o artigo “Uma proposta curricular de Educação de Jovens e Adultos ao longo da vida” como o currículo escolar da EJA garante a Educação da pessoa idosa, e para essa abordagem, fazem um recorte das possibilidades percebidas no UMA/UFT que existe em Barreiras - BA, com práticas de Educação intergeracional, promovidas em diferentes situações e com o envolvimento de gerações distintas.

Na publicação depreende-se:

Quadro 5 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “Uma proposta curricular de Educação de Jovens e Adultos ao longo da vida”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Repertório de vida dos indivíduos.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Espaços e fenômenos sociais.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Barreiras - BA; relações pessoais; cultura; história; dimensões: física, intelectual, social, emocional e simbólica.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional.

Fonte: os Autores.

Os autores fazem apontamentos que convergem com as propostas curriculares da EJA, e reconhecem a educação como processo contínuo, que carece respeitar as pessoas como são, além de lugares, espaços, cultura e história (SOUZA et al, 2022). Neste caminho, a BNCC (2018) enfatiza:

a realidade educacional do País tem mostrado que essa etapa representa um gargalo na garantia do direito à educação. Para além da necessidade de universalizar o atendimento, tem-se mostrado crucial garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras (BNCC, 2018, p. 461).

De modo que se convergem com Dourado (2009) ao recomendar um diálogo com as políticas educacionais

sem dar ênfase exacerbada a produtos ou resultados, que atribuem mérito a alunos, instituições ou redes de ensino, com base em dados de desempenho escalonados, que resultem, meramente, em classificação.

Nele, identifica-se na UMA/UFT a possibilidade de organização de um currículo escolar que reconheça o extenso repertório de vida da pessoa idosa, por meio da valorização de saberes e resgate de um público marginalizado que carece ser recebido em escolas da EJA. Ademais, Arroyo (1987) comenta que tal colaboração carece de uma proposta político-pedagógica capaz de atender as expectativas do aluno, numa dialética cotidiana com perspectivas e concretudes de desenvolvimento íntegro e integral do ser humano, enquanto processo formativo nas múltiplas dimensões: física, intelectual, social, emocional e simbólica.

3.4 Percepções sobre os Itinerários Formativos no Tocantins

Concorda-se com os apontamentos dos autores do artigo “Percepções de idosos, professores e gestores da Universidade da Maturidade - UMA/UFT, sobre os Itinerários Formativos no Estado do Tocantins” (BRITO et al, 2022b) sobre existirem possibilidades de Itinerários Formativos que podem ser alcançados em percepções sobre a UMA/UFT, ao observar as práticas educativas, as rotinas escolares, os documentos e as relações que constituem a cultura escolar.

Quadro 6 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “Percepções de idosos, professores e gestores da Universidade da Maturidade - UMA/UFT, sobre os Itinerários Formativos no Estado do Tocantins”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Diálogos intergeracionais.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Não identificado.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Relações sociais; Estado do Tocantins; políticas educacionais; políticas públicas.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional; Gerontologia.

Fonte: os Autores.

De modo que, ao analisarem as políticas educacionais tocantinenses voltadas aos Itinerários Formativos, que estão relacionadas à políticas públicas da pessoa idosa, preceituam a UMA/UFT com potencial de colaboração nas discussões, por possuir expertise em reunir gerações e formações (OSÓRIO; SILVA NETO, 2021).

Essa virtude está posta na própria BNCC ao apresentar os Itinerários Formativos:

a oferta de diferentes Itinerários Formativos pelas escolas deve considerar a realidade local, os anseios da comunidade escolar e os recursos físicos, materiais e humanos das redes e instituições escolares de forma a propiciar aos estudantes possibilidades efetivas para construir e desenvolver seus projetos de vida e se integrar de forma consciente e autônoma na vida cidadã e no mundo do trabalho

(BNCC, 2018, p. 478).

Neste contexto, comunga-se com De Azevedo (1997), ao afirmar que as ações desenvolvidas pelo Estado requerem análises empíricas, apoiadas em referenciais consistentes. Pois, ao receber a pessoa idosa com protagonismo social que lhe pertence, pode-se alcançar conquistas em fenômenos sociais que a envolve em práticas educativas, seja na forma de conhecimento individual ou coletivo (SILVA, 2016).

Uma investigação que Brito et al (2022) afirma continuar, sem a preocupação inicial de construir abordagens sequenciais, ao conviver na UMA/UFT, com discussões fenomenológicas da teoria moderna de Itinerários Formativos, consideradas úteis em escolas da EJA, que abram as portas para o atendimento de pessoas idosas.

3.5 Pacto nas comunidades quilombola e indígenas tocantinenses

O grupo de investigadores que escreveu com Carneiro et al (2022) o artigo “Pacto Nacional da Pessoa Idosa: narrativa das comunidades quilombola de Araguaia -TO e comunidade indígena Xerente de Tocantínia - TO”, aborda as possibilidades do trabalho da UMA/UFT para somar em políticas públicas tocantinenses que consideram o aumento da expectativa de vida e a preparação para as demandas de uma sociedade “cada vez mais velha” (p. 1).

Quadro 7 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “Pacto Nacional da Pessoa Idosa: narrativa das comunidades quilombola de Araguatins - TO e comunidade indígena Xerente de Tocantínia - TO”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Narrativas das comunidades.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Aumento da expectativa de vida.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Pacto Nacional da Pessoa Idosa; Araguatins - TO; comunidade quilombola; <u>Tocantínia</u> - TO; comunidade indígena Xerente; comunidades <u>urbanas</u> ; <u>políticas</u> sociais; sustentabilidade; municípios tocaninenses; Tecnologia Social; povos tocaninenses tradicionais.
5	Formação técnica e profissional	Gerontologia; Educação intergeracional.

Fonte: os Autores.

Neste mesmo caminho, apontam para o desenvolvimento de políticas sociais que acolham as pessoas idosas, com qualidade, efetividade e sustentabilidade, e citam o Pacto Nacional da Pessoa Idosa (PACTO, 2021), uma das políticas públicas brasileiras que buscam minimizar algumas das lacunas que existem, sobre essa temática.

Assim como afirma o documento referência do programa:

[...] o sucesso dessa implementação está diretamente relacionado ao seu desenho e arranjos escolhidos, compreendendo as articulações e configurações que são elaboradas ainda na fase de planejamento com os atores de interesse na política e se desdobram nas demais etapas do ciclo (PACTO, 2021, p. 15).

Sobre isso Arretche (2001) elucida que a implementação de uma determinada política carece de acordos com as comunidades e “em seus meios previstos e imprevistos” (p. 45). Por analogia, o estudo alcança os Itinerários Formativos, pois respeita as comunidades urbanas, quilombolas e indígenas, e mantém a complexa combinação de culturas e ideologias.

Além disso, esclarecem o papel da UMA/UFT, ao realizar um trabalho histórico voltado para Educação intergeracional, Gerontologia e Práticas educativas, que contempla e auxilia na organização dos Conselhos da Pessoa Idosa, em cento e nove municípios tocantinenses (PPP/UMA/UFT).

Ao passo que a presença da UMA/UFT nos municípios potencializa a aproximação da pessoa idosa com outros membros das comunidades, proporciona a troca de conhecimentos e contribui com a construção de currículos escolares e Itinerários Formativos que “considerem a realidade local e os anseios” dos povos tocantinenses tradicionais BNCC (2018).

3.6 O encantamento no projeto Ecoponto na Escola

Ao abordar o diálogo institucional da UMA/UFT com o CMEI João e Maria e o IDAHRA, relatado no trabalho “O encantamento nas narrativas intergeracionais com a Universidade da Maturidade - UMA/UFT e o Projeto Ecoponto na Escola”, de Oliveira et al (2022a), percebe-se como instituições de Educação Infantil podem acolher a pessoa idosa em ações intergeracionais, que reforcem o Envelhecimento ativo e a sustentabilidade (OPAS/OMS, 2021).

Na análise encontram-se Itinerários Formativos para:

Quadro 8 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “O encantamento nas narrativas intergeracionais com a Universidade da Maturidade - UMA/UFT e o Projeto Ecoconto na Escola”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Narrativas intergeracionais entre crianças e velhos.
2	Matemática e suas tecnologias	Cores e formas.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Processo de reciclagem.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Sustentabilidade; Década do Envelhecimento Saudável nas Américas; Envelhecimento ativo e saudável.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional; Educação infantil; Educação ambiental.

Fonte: os Autores.

Oliveira et al (2022a) alcança a criança e a Pessoa Idosa ao proporcionar atividades com as quatro áreas de atenção da Década do Envelhecimento Saudável nas Américas que prevê “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento” (OPAS/OMS, 2021).

Acredita-se que essa preocupação soma com uma das proposituras da BNCC sobre os Itinerários Formativos, nos Eixos Estruturantes:

[...] em Processos Criativos: supõem o uso e o aprofundamento do conhecimento científico na construção e criação de experimentos, modelos, protótipos para a criação de processos ou produtos que atendam a demandas para a resolução de problemas identificados na sociedade (BNCC, 2018, p. 478).

Destarte envolver crianças pequenas e idosos em espaços formais da Educação infantil, com práticas educacionais intergeracionais que contemplam os diálogos de tecnologias sociais (OLIVEIRA et al, 2022a), é uma movimentação que pode ser um Itinerário Formativo eficiente na concretização do Eixo Estruturante de Processos Criativos. O trabalho demonstra como as narrativas entre velhos e crianças podem ser compreensivas, prazerosas e encantadoras; e como contribuem para a desmistificação de estereótipos que envolvem a velhice e a infância (OLIVEIRA et al, 2022b). E na visão de Klipan (2019), ações assim são potencialidades para atividades intergeracionais.

Além disso, práticas pedagógicas diversificadas como essa são referenciadas por Castro e Nascimento, (2016); Messender; Oliveira e Araújo (2018); Rodrigues e Vieira (2012); Ujiie e Pinheiro (2017), que apontam para o ensino de ciências em contextos de formação para a cidadania. Ao passo que, divulgar experiências que envolvem a associação de crianças e idosos em um mesmo espaço educativo, vivenciadas em salas de aulas, assim como faz Oliveira et al (2022a), elucidam possibilidades de Itinerários Formativos que permitam à pessoa idosa participar de projetos em centros de educação infantil.

4. PERCEPÇÕES EM EDUCAÇÃO E SAÚDE

Entre os trabalhos selecionados, publicados nos anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo (Sigero), seleciona-se artigos na pré-análise que foram agrupados na unidade de registro e contexto com a Educação e Saúde, dos quais compartilha-se aqui as respectivas interpretações por inferência (BARDIN, 2011).

A Educação em Saúde, neste contexto, representa um elemento crucial para as interações encontradas e percebidas, tendo em vista as condições em que os homens e mulheres alcançam a velhice (FRANCO, 2022). De modo que na UMA/UFT é dada igual relevância às práticas educativas de Saúde, como eixo transversal, aos processos que acontecem na Tecnologia Social.

Vale destacar neste ponto do trabalho que, como prática de educação democrática, em prol e pela cooperação, o Sigerio foi um evento colaborativo que teve a contribuição e participação de outros órgãos governamentais, como o MP-TO, a Seduc/TO e a Unitins. Apreciações que Azevedo (2001) assevera imprescindíveis para abordagens que arrefecem as desigualdades que existem entre as instituições mediadoras de políticas socioeducacionais.

Ou seja, o evento ampliou o diálogo que é mediado pela UMA/UFT em prol do equilíbrio e aproximação de instituições que formam, juntas, profissionais de educação tocantinsenses. Aproximação que permitiu à Fapto, uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, mediar a aplicação dos recursos do evento.

Ao passo ser oportuno citar a fala do presidente da Fapto, Léo Araújo da Silva: “concordo que o potencial da UMA/UFT deva ser estudado, ao desenvolver projetos nas áreas do ensino, pesquisa, extensão, inovação, empreendedorismo e desenvolvimento tecnológico [...] impulsionar o desenvolvimento do Brasil por meio da educação de idosos”.

Postadas essas considerações, nesta parte deste trabalho, compartilha-se o olhar sobre as publicações relacionadas à hipótese desta investigação, ligadas à Educação em Saúde, com resultados denotativos de atividades realizadas no âmbito da UMA/UFT que podem tornar-se Itinerários

Formativos para as pessoas idosas que estudam a EJA.

E nas andanças das análises divulgadas, compartilham-se de ideias publicadas em um evento de caráter técnico-científico destinado à pessoa idosa, comunidade, acadêmicos, pesquisadores, conferencistas e outros interessados em conhecer experiências que acontecem no âmbito da Educação intergeracional, Gerontologia e do Envelhecimento ativo.

4.1 Técnicas de recuperação pós-covid 19

Na publicação, os autores foram sistemáticos e optaram por não desenvolver as discussões teóricas que embasam a Educação em Saúde. Outrossim, citam que o mundo vivencia o enfrentamento da Covid-19 e carece discutir sobre a temática na Academia (SILVA; BATISTA; DE RESENDE, 2009).

Ao passo que, percebe-se na análise:

Quadro 9 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação:
“Técnicas de Recuperação pós-covid 19”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Temas Contemporâneos Transversais.
2	Matemática e suas tecnologias	Temas Contemporâneos Transversais.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Pandemia de Covid-19; sequelas pós covid em idosos; Temas Contemporâneos Transversais.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Enfrentamento da Covid-19; Temas Contemporâneos Transversais.
5	Formação técnica e profissional	Educação em Saúde; Temas Contemporâneos Transversais.

Fonte: os Autores.

Vale destacar a presença dos Temas Contemporâneos Transversais (PIENTA, 2014), pois o trabalho de Franco et al (2022), comprova o envolvimento da UMA/UFT com situações hodiernas que aludem possíveis Itinerários Formativos, pelo que diz a BNCC:

Para responder a essa necessidade de recriação da escola, mostra-se imprescindível reconhecer que as rápidas transformações na dinâmica social contemporânea nacional e internacional, em grande parte decorrentes do desenvolvimento tecnológico, atingem diretamente as populações e, portanto, suas demandas de formação (BNCC, 2018, p. 462).

No trabalho, a autora, médica, oferece na programação do Sigero, momentos de troca sobre essa temática e, com a colaboração de um grupo multidisciplinar, composto por educador físico, biólogo, assistente social e pedagogo, ministra um curso com algumas características das sequelas pós-covid-19 em idosos.

Nesse cenário complexo e fluido, as incertezas e mudanças alcançam temas de Educação e Saúde. De modo que o trabalho alude para a força da UMA/UFT em manter, desde o início da pandemia de Covid-19 as relações sociais, mesmo que a distância, como um processo de enfrentamento aos desafios que alcançam a pessoa idosa.

Da mesma forma, a preocupação do projeto político-pedagógico da Tecnologia Social reverbera potencial para Itinerários Formativos que objetivem o alcance de competências na área de Educação em Saúde, uma das áreas transversais da EJA que possui uma estreita relação com outras, assim como cita Carneiro et al (2005), ao dizer que:

A transversalidade, tão dinâmica e fluida, também se embrenha perfeitamente na proposta do ensino por competências.

E um aluno formado no modelo das competências é um indivíduo preparado para lidar de forma satisfatória e global com as mais diversas situações, apresentadas a ele em sua vida profissional e em sociedade (CARNEIRO, 2005, p. 16).

Essa conclusão, reforça a convicção de que a UMA/UFT promove ações importantes que podem somar nos Itinerários Formativos. Afinal, para Englund (apud SAVIANI, 1994), o currículo escolar “tem a responsabilidade específica de analisar o significado das diferentes práticas educativas numa perspectiva histórica, [...] compreender as distintas interpretações, as contradições históricas e atuais” (p. 14).

Por fim, constata-se que ao auxiliar os participantes na compreensão de algumas técnicas para recuperação pós-covid-19 e divulgar estratégias para a superação de sequelas da doença, a UMA/UFT promove qualidade de vida à pessoa idosa, com o conhecimento que alcança os Temas Contemporâneos Transversais (PIENTA, 2014).

4.2 Relações saudáveis entre idosos e adolescentes

O trabalho de Batista et al (2022b), “Os impactos da aprendizagem intergeracional na relação idoso e adolescente”, aponta dados da síntese de indicadores sociais e da análise das condições de vida da população brasileira, feitos pelo IBGE (2016). Elementos que apontam domicílios compostos pela convivência dos avós com netos adolescentes e envolvem o trabalho do professor neste caminho.

Na análise, encontram-se:

Quadro 10 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “Os impactos da aprendizagem intergeracional na relação idoso e adolescente”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Diálogos intergeracionais.
2	Matemática e suas tecnologias	Dados do IBGE; indicadores sociais;
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Não identificado.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	População brasileira; composição de domicílios; Estado do Tocantins; vulnerabilidade social; diferenças culturais; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); Estatuto da Pessoa Idosa; relações sociais.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); Estatuto da Pessoa Idosa.

Fonte: os Autores.

Os autores estabelecem a relação de uma realidade que alcança o Estado do Tocantins, assim como constatado por Cavalcanti (2015) em famílias vulneráveis. Afinal as publicações contemporâneas sobre o tema apontam uma relação conflituosa ligada às diferenças culturais e comportamentais das gerações (MENETTI, 2013).

Defende-se que os Itinerários Formativos podem levar em consideração tais desafios; em conteúdos que contemplem procedimentos científicos e tecnológicos das gerações envolvidas. Ao passo que a pessoa idosa e o adolescente façam uso dos conhecimentos científicos para analisar um fenômeno.

Essa recomendação está posta na própria BNCC:

[...] a investigação como forma de engajamento dos estudantes na aprendizagem de processos, práticas e procedimentos científicos e tecnológicos, e promove o domínio de linguagens específicas, o que permite aos estudantes analisar fenômenos e processos [...] bem como sua capacidade de refletir, argumentar, propor soluções e enfrentar desafios pessoais e coletivos, locais e globais (BNCC, 2018, p. 472).

Além disso, Arroyo (2015) cita que, com o avanço dos ideais democráticos, os sistemas de ensino ampliaram ligações com a legislação, e introduziram temas relevantes nos currículos escolares como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a fim de reconhecerem direitos da adolescência como “linguagem de dignidade humana” (p. 19).

É oportuno ampliar esse comprometimento para o Estatuto da Pessoa Idosa, para que a sociedade avance na garantia dos direitos comuns aos que envelhecem. O assunto trazido nessa vereda é divulgado por Miranda (2001), ao recomendar que os trajetos de mudanças na Educação podem ser realizados pelo professor que se torna um pesquisador da relação teoria e prática.

Concorda-se que o professor pesquisador conseguirá avaliar os atuais Itinerários Formativos, e que essa avaliação é um caminho que exige tempo, pois assim como escrevem Arce (2001); Libâneo (2010); Miranda, 2005; Pimenta (2005); e Sacristán (2010), a BNCC foi construída com lutas, conquistas e perdas; e sofre uma série de críticas, reformulações e desdobramentos.

Nessa vereda, acredita-se na metodologia da UMA/UFT como referência de construção coletiva. Pois recebe professores e estudantes do PPGE/UFT e envolve-os com as ques-

tões da Pessoa Idosa. Além de auxiliarem na aprendizagem intergeracional com adolescentes, desde as formulações, até as aplicações de projetos, cursos, campanhas e outras ações (SILVA NETO e OSÓRIO, 2017).

4.3 Relações intergeracionais entre avós e netos

Os autores apontam que à medida que o ser humano envelhece ele se depara com perdas relacionadas ao avanço da idade e começa a questionar-se sobre vivências e relações (Mota et al, 2022). Nessa discussão citam como a UMA/ UFT preocupa-se em manter atividades de orientação que fazem alusão aos Itinerários Formativos.

Da publicação, encontram-se:

Quadro 11 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação:
“Relações intergeracionais entre avós e netos”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	História oral das vivências.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Envelhecimento humano; qualidade de vida; saúde mental.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Relações sociais; estrutura da família.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional; Educação infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio.

Fonte: os Autores.

A análise atual considera que tais orientações são comuns nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e em todas as modalidades. Diante disso, o trabalho dos autores soma com reflexões que reforçam a concepção de oportunidades intergeracionais entre avós e netos, desde as relações familiares até outros grupos sociais (MOTA et al, 2022).

Acredita-se que ao compreender a importância da convivência entre as gerações para o compartilhamento de experiências e a promoção de qualidade de vida para ambos, os currículos escolares ganham um reforço, assim como aponta Osório et al (2018) sobre os papéis desempenhados pela pessoa idosa no contexto familiar.

Nesse meio tempo, a noção de Itinerários Formativos não é inédita na história da educação, pois é presente em discursos daqueles que defendem um referencial capaz de combater o fracasso escolar (PERRENOUD, 2015). A priori, tais resultados enriquecem a ideia da UMA/UFT como valorizadora das permutas de saberes e convívios entre avós e netos.

Afinal, é um dos objetivos de o currículo escolar organizar-se em torno de:

interpretação de ideias, fenômenos e processos para serem utilizados em procedimentos de investigação voltados ao enfrentamento de situações cotidianas e demandas locais e coletivas, e a proposição de intervenções que considerem o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida da comunidade (BNCC, 2018, p. 478).

Assim, se a UMA/UFT promove qualidade de vida, física e psicológica, dos avós e netos que consegue alcançar, ela pode auxiliar na construção de itinerários formativos que envolvam a pessoa idosa na EJA, assim como a Educação Infantil e em outras fases e etapas da Educação Básica. Logo, como aponta

Osório et al (2018) a família, ao acolher a pessoa idosa, torna-se um lugar de respeito, promoção e construção de valores que propiciam a independência e a autonomia, com capacidade socioemocional de fortalecer o atributo de se autogovernar, com livre arbítrio para agir e defender valores.

4.4 O uso de medicamentos na maturidade

Outro trabalho “O uso de medicamentos na maturidade: fatos e fakes”, alcançado nesse arcabouço envolve a publicação de Silva et al (2022), sobre o trabalho da UMA/UFT em prol de uma sociedade que envelhece e tem predisposição a doenças em decorrência das limitações causadas pelo envelhecimento; ao mesmo tempo em que conta com soluções de fácil acesso ligadas ao uso de medicamentos.

Analisa-se da publicação:

Quadro 12 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “O uso de medicamentos na maturidade: fatos e fakes”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Notícias; fatos e fakes; leitura e interpretação de textos.
2	Matemática e suas tecnologias	Dosagem de medicamentos.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Medicamentos; interações medicamentosas; doenças; dores; características do envelhecimento humano.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Relações sociais; notícias falsas.
5	Formação técnica e profissional	Educação em Saúde; leitura e interpretação de textos.

Fonte: os Autores.

Trata-se de uma oficina do funcionamento do Posto de Dispensação de Medicamentos da UMA/UFT, e, nas palavras da autora “ao mesmo tempo em que abordamos conteúdos que envolvem o uso de medicamentos na velhice, com análises de notícias que são verdadeiras (fatos) e outras que são falsas (fakes)” (SILVA et al, 2022, p.1).

O trabalho escolhido para esta análise relaciona-se com possíveis Itinerários Formativos, afinal a BNCC recomenda a contextualização social, histórica e cultural da ciência e da tecnologia, como requisito fundamental para que elas sejam compreendidas como empreendimentos humanos e sociais. Elucida-se:

também discutir o papel do conhecimento científico e tecnológico na organização social, nas questões ambientais, na saúde humana e na formação cultural, ou seja, analisar as relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente [...] favorecendo o protagonismo dos estudantes no enfrentamento de questões sobre consumo, energia, segurança, ambiente, saúde, entre outras (BNCC, 2018, p. 549).

Portanto, reforça-se com esta análise os apontamentos de Duarte et al (2019), para composições sociais que alcancem áreas de interesse coletivo. Assim como visto na UMA/UFT no trabalho sobre o uso de medicamentos, com capacitações sobre a avaliação de notícias verdadeiras e falsas, ligadas ao uso racional de fármacos e à compreensão de efeitos colaterais.

4.5 Saúde mental no diálogo entre as gerações

O trabalho “O gerenciamento das emoções por meio do diálogo entre as gerações”, de Batista et al (2022a) divulga a Tecnologia Social UMA/UFT como mediadora no gerenciamento das emoções, ao envolver as dificuldades que as gerações possuem com as questões emocionais, tidas como

respostas orgânicas aos eventos da vida em manifestações físicas e mentais (VIDEIRA, 2020).

Dele, a análise alcança:

Quadro 13 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “O gerenciamento das emoções por meio do diálogo entre as gerações”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Diálogo; falas, expressões, gestos e outras formas de linguagem verbal e não verbal.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Saúde física e mental.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Gerenciamento de emoções; Tecnologia Social; projetos sociais; primeiro emprego.
5	Formação técnica e profissional	Educação intergeracional; Saúde mental.

Fonte: os Autores.

O grupo de pesquisa acompanha Videira (2020) em recomendações para análises das relações ligadas ao nosso fazer e o responder aos estímulos internos e externos; e compartilha resultados de observações feitas em oficinas que envolvem duas gerações, o jovem, atendido pelo RENAPSI e a pessoa idosa, aluno da UMA/UFT, envolvidos com o projeto “Dia dos Avós” (DIA DOS AVÓS, 2021). Tal preocupação remete, dentre outros, aos Itinerários Formativos, propostos na BNCC, na parte de ciências humanas e sociais aplicadas:

[...] com aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes conceitos em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em relações sociais, modelos econômicos, processos políticos, pluralidade cultural, historicidade do universo, do homem e natureza, dentre outros (BNCC, 2018, p. 477-478).

Sobre isso, vale o registro de De Assunção (2019), sobre as práticas educacionais realizadas na UMA/UFT, que auxiliam a Pessoa Idosa em dificuldades de reconhecer e expressar emoções; identificar sentimentos a partir de falas, expressões, gestos e outras formas de linguagem verbal e não verbal; e promoção da saúde mental.

Tais assuntos, segundo Brandão (2010), alcançam os programas de pós-graduação, e envolvem a prática de operar com os referenciais teóricos. Ao passo que, ao vivenciar e registrar tais atividades, encaminha-se para questões que podem ser pauta de Itinerários Formativos em escolas que atendem jovens e idosos, nas turmas de EJA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Itinerários Formativos foram ampliados na nova BNCC (2018), e devem ser organizados conforme a relevância para o contexto local, em cinco áreas: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas; formação técnica e profissional (LDB, 1996, Art. 36).

A nova norma orienta um caminho para a formação libertadora, em que a pessoa idosa enxergará maior significado na aprendizagem e escapará da forma reducionista do ensino, que exclui a possibilidade do aluno de construir um projeto pedagógico, integrado com a realidade social, cultural, política e econômica. Uma luta antiga daqueles que se formaram na escola freireana (FREIRE, 1983).

Nessa luta, o trabalho alcançou o objetivo geral e divulgou como o trajeto histórico da UMA/UFT marca conqui-

tas em práticas educativas de formação da pessoa idosa, e pode propor Itinerários Formativos, ora voltados para a Educação intergeracional para atender à educação continuada, ora pela Educação em saúde que promove o envelhecimento ativo (SILVA NETO E OSÓRIO, 2017).

Nessa vereda, a Tecnologia Social propaga ações indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão, e envolve o acadêmico jovem e adulto, de graduação e pós-graduação, com as pessoas idosas matriculadas em cursos da UFT. Além de alcançar, nas recomendações de Kuenzer (2012) e Wong (2018), adolescentes e crianças em projetos comuns com escolas e centros de educação infantil.

O objetivo específico de investigar a UMA/UFT como Itinerário Formativo no âmbito do Tocantins foi alcançado, ao compartilhar-se o compromisso político-pedagógico numa perspectiva fenomenológica (Husserl, 2010), no pilar de ter a pessoa idosa como protagonista da vida escolar, tanto em relação aos conteúdos, quanto ao tempo, atividades, materiais e locais de estudos.

Os trabalhos analisados foram escolhidos diante das percepções com os Itinerários Formativos, de acordo com as Categorias de Análises Temáticas, definidas na metodologia. Com o critério de inclusão de divulgarem os potenciais da UMA/UFT na formação da Pessoa Idosa, enquanto cidadão de direito subjetivo à educação (BOUTH, 2011).

Rizzo (2005), Ribeiro e Profeta (2004), Adams (2006) e Vieira (2008) afirmam ser mister reflexões educacionais que construam currículos escolares significativos, ao passo que Bouth (2011) enfatiza “ser de grande importância estar atento para questões modernas” (p. 4). Reflexões que articulam o projeto político-pedagógico intergeracional da UMA/UFT como opção de Itinerário Formativo para a pes-

soa idosa.

Nessa vereda, a seleção de onze publicações foi suficiente para divulgar o pensamento científico e discutir temas relevantes para profissionais que estudam a área de currículo escolar. Afinal, viveu-se um processo de escuta, em especial, dos autores dos trabalhos, que trouxe compreensão das práticas extensionistas, pesquisas e aulas compartilhadas nos espaços da UMA/UFT.

Abordagens como esta são recomendadas por outros pesquisadores da Região Norte, Lagares, Rocha e Santos (2014); De Pinho (2017); Macedo, dos Santos e Rocha (2021); Osório, Silva Neto E Nunes Filho (2022), ao conversarem com homens e mulheres sobre as possíveis soluções para o atendimento educacional na região da Amazônia Legal e ouviram destaques para os percursos subjetivos e existenciais.

Outra marca, é que rompeu-se com a ideia de conhecimento concebido a partir do processo de estruturação do capitalismo, em que a formação escolar se reduz a um conjunto de técnicas que empobrecem o processo formativo (DOURADO, 2009), no momento que elencou-se, em onze quadros, textos e citações as percepções na relação entre os resultados e a própria temática.

O trabalho não envolveu os processos de gestão e financiamento, pela decisão de seguir o seu objetivo de divulgar possibilidades de parcerias institucionais e anunciar projetos político-pedagógicos comuns à EJA, em suas contextualizações com as demandas de uma sociedade que envelhece. Na opinião abalizada, o objetivo específico de divulgar a UMA/UFT como Itinerário Formativo para a EJA é atingido, pois “a consciência é a condição sine qua non de qualquer conhecimento, é intencional, e toda cons-

ciência é consciência de algo” (HUSSERL, 2006), de modo que a UMA/UFT garanta experiências exclusivas capazes de somar na organização de Itinerários Formativos.

De forma serena, apresentou-se um diálogo entre os pesquisadores e o leitor (FREIRE, 1983) sobre as possibilidades que o conhecimento permite ao ser humano, na busca pelo resultado de uma complexa atividade, em que todas as funções intelectuais fundamentais participam (VYGOTSKY, 1998).

O próprio Vygotsky (1998) esclarece que este processo não pode ser reduzido às tendências determinantes e que as soluções para os problemas que afrontam o homem estão na apropriação de conceitos, alcançados em uma constante busca do sujeito consciente, por toda a vida, no contexto de escolher as opções, a partir de um cálculo do que é melhor para si.

Não existe temor, inclusive, de reconhecer fragilidades e apontamentos superficiais. Na aliança com Kosik (1976); Foulquié (1978); Lowy (1989); Gadotti (2003); Saviani (2013); e outros encorajadores do seguir em frente, ao reconhecerem que a vivência, investigação e discussão dialogada e racional, levam à compreensão daqueles que pesquisam e escrevem sobre o que vivem.

Acredita-se que os resultados são suficientes para uma compreensão dialógica, pois Saviani (2013) esclarece que é preciso tempo para que ocorra mudanças significativas do senso comum à consciência filosófica. De modo que, nesta abordagem epistemológica dialética, compreende-se o currículo escolar a partir da apreensão da formação humana enquanto ser social e histórico da UMA/UFT.

Ou seja, na própria concepção freiriana de “estudar”

(FREIRE, 2001), divulga-se como a UMA/UFT pode ser protagonista nos Itinerários Formativos tocantinenses mas, não apresentam-se “receitas”, pois, para atuar, é preciso conviver. Ou seja, promover outras investigações, com outras metodológicas que alcancem contextos econômicos, políticos e culturais.

Conforme registro na CEP/UFT, a pesquisa envolveu homens e mulheres da Tecnologia Social, devido à experiência de trabalho dos pesquisadores e o interesse da própria UFT em ensinar o potencial dos projetos indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão, para colaborarem com a construção dos processos formativos da Educação Básica (SILVA, BATISTA, e DE RESENDE, 2009).

A sede do polo da UMA/UFT em Palmas é um espaço privilegiado para a condução de uma investigação qualitativa fenomenológica, uma vez que é a referência para as ações, projetos, campanhas, cursos e outras atividades da Tecnologia Social, no âmbito do Tocantins e de outros estados.

Ao passo que ao vivenciar o fenômeno UMA/UFT, uma reconhecida Tecnologia Social (TRANSFORMA, 2013), os pesquisadores divulgaram atividades extensionistas e de projetos de pesquisas, dos quais é possível perceber e contextualizar como práticas educativas intergeracionais promovem a cidadania da Pessoa Idosa, na realidade em que ela está inserida.

Com tal experiência, alude-se a possibilidade de um currículo escolar ativo, composto por Itinerários Formativos dinâmicos para uma EJA criada e identificada com a pessoa idosa, assim como acontece em projetos intergeracionais que a UMA/UFT mantém com outras fases, etapas e modalidades da educação tocantinense.

Diante dessas afirmativas, reitera-se a preocupação freireana e utópica de querer a integração do adulto, desde a construção do projeto político-pedagógico de formação, até a participação ativa em outras fases e etapas, como, a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Superior e nos Programas de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu.

Nesta linha de raciocínio, a busca continua, na convicção de que nos estudos do Stricto sensu, outros resultados, diálogos e instituições específicas podem ser alcançadas, na missão de auxiliar o Tocantins e ter currículos escolares com Itinerários Formativos que contemplem as especificidades da Educação intergeracional protagonizada pela pessoa idosa.

6 REFERÊNCIAS

ADAMS, B. G. Educação Ambiental e interdisciplinaridade no contexto educacional: algumas considerações. *Rev. Educ. Ambient. em Ação*. Vol. 6, nº 19, p. 1-3, 2006.

ALVES, V. M. S.; DE CARVALHO, M. E. R. A formação de professores na Base Nacional Comum (BNC-FORMAÇÃO): impasses para execução dos itinerários formativos. Editora Veredas: 2022. Disponível em: <https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2022/Veredas/veredas-cap2.pdf> Acesso em: 15 de ago. 2022.

ARCE, A. Compre um kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. *Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, ano XXII, n. 74, p. 251-283, abr. 2001.

ARROYO, M. G. (Org.) Da escola carente à escola possível. *Coleção Educação Popular*. São Paulo: Loyola, 1986.

ARROYO, M. G. O direito à educação e a nova segregação social e racial-tempos insatisfatórios?. *Educação em Revista*, v. 31, p. 15-47, 2015.

ARROYO, M. G. O direito ao tempo de escola. In. Seminário “Escola Pública de Tempo Integral: uma questão em debate”, Fundação Carlos Chagas, 1987.

ASSUMPÇÃO, R., org. Educação popular na perspectiva freiriana. São Paulo: Instituto Paulo Freire: 2009.

AZEVEDO, J. M. L. de. A Educação como Política Pública. Campinas. SP: Autores Associados. *Coleção Polêmicas do nosso tempo*. V. 56: 1997.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; BRITO, M. S. O. Anais do Encontro Nacional da Universidade da Maturidade (UMA). Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5283526 Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/anais-do-encontro-nacional-da-universidade-da-maturidade-uma-2835265> Acesso em: 5 jun 2024

BATISTA, M. M. P. et al. O gerenciamento das emoções por meio do diálogo entre as gerações. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022a. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>> Acesso em: 16 de ago. de 2022.

BATISTA, M. M. P. et al. Os impactos da aprendizagem intergeracional na relação idoso e adolescente. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022b. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>> . Acesso em: 16 de ago. de 2022.

BEAUVOIR, Simone. A velhice. Nova Fronteira, 2018.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 14 de jul. de 2022.

BOTH, A. Gerontagogia: educação e longevidade. Passo Fundo: Imperial. 1999.

BOUTH, R. N. S. A Transversalidade da Educação Ambiental na Grade Curricular do Ensino Fundamental: Uma Alternativa na Formação de Cidadãos Voltados ao Desenvolvimento Sustentável. Revista Científica Aprender, Varginha, v. 4, n. 5, maio 2011. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=63> . Acesso em: 18 mar 2022.

BRANDÃO, Z. Conversas com pós-graduandos. Forma & Ação, 2010.

BRITO, M. S. O. et al. A conservação ambiental como itinerário formativo na Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT). Congresso Nacional on-Line de Conservação e Educação Ambiental - CONEAMB: 2022a. Disponível em: <https://ime.events/ii-coneamb> Acesso em 20 de ago. de 2022.

BRITO, M. S. O. et al. Percepções de idosos, de professores e de gestores da Universidade da Maturidade - UMA/UFT, sobre os itinerários formativos no Estado do Tocantins. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. In: Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf> Acesso em 12 de mar. 2022.

CARNEIRO, E. M. S. et al. Pacto Nacional da Pessoa Idosa: narrativa das comunidades quilombola de Araguatins

e comunidade indígena Xerente de Tocantínia - TO. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

CARNEIRO, R. et al. Transversalidade e inclusão: desafios para educador. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

CASTRO, D. L; NASCIMENTO, A. R. Ensino de ciências na educação infantil e a abordagem CTS: um projeto desenvolvido num espaço de educação infantil - RJ. Indagatio Didactica, Aveiro, v. 8, n.1, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.34624/id.v8i1.8063> Acesso em: 05 de mai. de 2022.

CAVALCANTI, J. R. G. et al. Percepções e vivências de avós que cuidam de seus netos. In: Anais CIEH. 4º Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. João Pessoa: Anais Centro Universitário de João Pessoa-UNI-PÊ, 2015. p. 21-26.

ClAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade In.: FRI-GOTTO, G. et al. (orgs.). Ensino médio integrado: ensino médio integrado concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

CNE/EJA. Alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Parecer CNE/CEB nº 6/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_

docman&view=download&alias=168151-pceb006-20&category_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 16 de maio de 2022.

COSTA, S. Q. B. G. A Educação intergeracional como tecnologia social: uma abordagem da intergeracionalidade no âmbito da Universidade Federal do Tocantins - UFT: 2015

COUTINHO, L. P.; LAGARES, R. Dilemas da gestão democrática da educação frente ao contexto da Nova Gestão Pública. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-Periódico científico editado pela ANPAE, v. 33, n. 3, p. 835-849, 2017.

DA COSTA, A. P.; OSÓRIO, N. B. A Intergeracionalidade Na Universidade Da Maturidade-Palmas–Tocantins. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 42, p. 294-307, 2021.

DA SILVA, V. Qualidade de vida do idoso: cuidado do idoso, dever de quem?. Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 110, p. 138-146, 2010.

DAMASCENO, A. e SANTOS, E. Trajetórias das Políticas educacionais e planejamento da educação no Brasil. Ed. Estudos Amazônicos, 2015.

DCNEB/MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/seb/pdf/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf Acesso em: 27 de abr. 2022.

DE ASSUNÇÃO, M. A. et al. Universidade da maturidade: uma análise na perspectiva da promoção à saúde. Humanidades & Inovação, v. 6, n. 11, p. 23-34, 2019.

DE AZEVEDO, Janete M. Lins. A educação como política pública. Autores Associados, 1997.

DE CARVALHO SILVA, E. et al. Relação entre condições socioeconômicas e o perfil do autocuidado dos idosos Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. Research, Society and Development, v. 11, n. 9, p. e48311931732-e48311931732, 2022.

DE PINHO, M. J. UNIVERSIDADE E CRISE INSTITUCIONAL: perspectivas de uma formação humana. Revista Observatório, v. 3, n. 6, p. 274-315, 2017.

DE SANTANA, W. V. et al. Tecnologia social educacional para idosos, inovação e extensão universitária. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 85419-85433, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/19413> Acesso em: 12 de jul. 2022

DE SOUSA SANTOS, B. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Autêntica, 2019.

DE SOUSA, J. G.; DE PINHO, M. J. Aspectos Da Ação Pedagógica Docente No Contexto Da Formação De Professores: Reflexões À Luz Da Interdisciplinaridade E Da Transdisciplinaridade. Revista Plurais-Virtual (e-IS- SN 2238-3751-ISSN 1984-3941), v. 10, n. 3, p. 381-399, 2020.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. Autores Associados, 2021.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Perfil das pessoas

com 60 anos ou mais. 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficoPerfil60Anos-Mais.html> Acesso em: 21 de maio de 2022

DOS SANTOS BARCELOS, A. et al. O efeito das ações de educação em saúde no autocuidado de idosos participantes da Universidade da Maturidade: um estudo quase-experimental. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 10, p. e97111032261-e97111032261, 2022.

DOS SANTOS PEREIRA, A. M.; DE OLIVEIRA CORTES, G. R. Itinerários formativos na BNCC: sentidos em mídias digitais. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 2, p. 185-214/Eng. 181-209, 2022.

DOURADO, L. F. (Org.) Políticas e gestão da educação no Brasil: novos marcos regulatórios. São Paulo: Xamã, 2009. (p.7-45).

DUARTE, C. S. Direito público subjetivo e políticas educacionais. *São Paulo em perspectiva*, v. 18, p. 113-118, 2004.

DUARTE, G. M. et al. Caracterização do consumo de medicamento e polifarmácia entre idosos da universidade da maturidade. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 11, p. 109-119, 2019.

DUARTE, N. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, n. 18, p. 35-40, 2001.

EJA/MEC. Proposta Curricular para a EJA - Educação de

Jovens e Adultos. Ministério da Educação. [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/13533-proposta-curricular> Acesso em: 05 de fev. 2022.

EXTENSÃO/UFT. Regulamento das ações de Extensão como componente curricular nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Tocantins. RESOLUÇÃO Nº 14, DE 08 DE DEZEMBRO DE 2020. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/K1E-FXYAwRce1nlAd59Tc7g/content/14-2020%20-%20Regulamento%20das%20a%C3%A7%C3%B5es%20de%20Extens%C3%A3o%20PPC%20dos%20Cursos%20de%20Gradua%C3%A7%C3%A3o%20da%20UFT.pdf> Acesso em: 24 de fev. de 2022.

FALEIROS, V. P. Cidadania e direitos da pessoa idosa. 2007.

FAQ/MEC. Frequently Asked Questions (FAQ), Perguntas Respondidas Frequentemente. Novo Ensino Médio - perguntas e respostas. Página da Internet. MEC: [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas> Acesso em: 22 de fev. 2022.

FEITOSA, L; VIZOLLI, I. Entre fronteiras, matas e beiras de rios: Amazônia legal brasileira e o pesquisar da educação escolar indígena. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, v. 9, n. 2, 2021.

FERREIRA, O. G. L. et al. Envelhecimento ativo e sua

relação com a independência funcional. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 21, p. 513-518, 2012.

FERRIGNO, J. C. Conflito e cooperação entre gerações. Edições Sesc, 2015.

FILHO, S. (Org.). Empatia. Edmund Husserl e Edith Stein. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOULQUIÉ, P. A dialética. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

FRANCO, L. et al. Técnicas de Recuperação pós-Covid-19. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

FREIRE, P. 1995. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d'Água.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra: 2001 (1.a ed. 1975).

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos avançados*, v. 15, p. 259-268, 2001.

FREIRE, P. Educação “bancária” e educação libertadora. *Introdução à psicologia escolar*, v. 3, p. 61-78, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogy of the city*. New York: Continuum: 1993. In: WONG, P. L. Paulo Freire: um aliado para aqueles que se atrevem a ensinar. *Reinventando Freire: a Práxis do Instituto Paulo Freire*. Editora: Lemann Center: 2018.

FREIRE, P. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa

ensinar. São Paulo: Olho D'água, 2008.

FREIRE, P. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água: 1993.

FREIRE, P., 1997. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

FRIGOTTO, G., CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A gênese do Decreto n. 5154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In.: FRIGOTTO, G. et al. (orgs.). Ensino médio integrado: ensino médio integrado concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-56.

GADOTTI, M. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo, Publisher Brasil, 2007.

GADOTTI, M. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 2003.

GADOTTI, M. Educação popular e educação ao longo da vida. 2016. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/FPF_PTPF_01_0470.pdf Acesso em 19 de abr. de 2022.

GADOTTI, M. Paulo Freire: 50 anos de Angicos. Significado para a educação brasileira hoje. Direcional Educador, 100, 8-12: 2013.

GADOTTI, M. Reinventando Freire. A práxis do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

GADOTTI, M; FEITOSA, S. C. S. Reinventar a educação é inverter prioridades. O lugar da educação de adultos

como política pública. Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire. São Paulo: IPF, Lemann Center, Stanford Graduate School of Education, 2018.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. Perspectiva, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.

HOLANDA, S. T. A. R.; ALENCAR, M. F. Estudantes da EJA e o Protagonismo Escolar: vozes e marcas da exclusão em busca de vida e cidadania. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v. 23, n. 4, p. 849-867, 2021.

HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

HUSSERL, E. Meditações Cartesianas – Conferências de Paris. Tradução de Pedro M.S. Alves. Lisboa: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> Acesso em 12 de jan. de 2022.

ITS. Instituto de Tecnologia Social. Tecnologia Social no Brasil. Caderno de Debate. Secretaria para Inclusão Social - Ministério da Ciência e Tecnologia: novembro de 2004.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128117/tecnologia%20social%20caderno%20debate%20MCT.pdf?sequence=4&isAllowed=y>
Acesso em: 12 de maio 2022.

ITS. Instituto de Tecnologia Social. Tecnologia social: experiências exemplares. Instituto de Tecnologia Social (Org.). São Paulo: ITS BRASIL/MCTI-SECIS, 2012.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em 24 de jul. de 2022.

KLIPAN, C. G. Discutindo ciência, tecnologia e sociedade com crianças pela mediação de obras de arte 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3980> Acesso em: 14 jun. 2022.

KOSIK, K. A dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOTLER, P. Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle/ Philip Kotler; tradução Ailton Bomfim Brandão – 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

KUENZER, A. Z. (org.). Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LAGARES, R.; ROCHA, J. D. T. ; SANTOS, J. S. Trans-
94

porte escolar e processos de institucionalização e gestão da educação em municípios do Tocantins. *Percursos* (Florianópolis. Online), v. 15, p. 138-168, 2014

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 04 de jan. 2022.

LEHER, R. Democracia e Construção do Público no pensamento educacional brasileiro. 2. Ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2002.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: Pimenta, S. G.; Ghedin, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 53-79.

LOCKE, J. Ensaio acerca do entendimento humano. Segundo Tratado sobre o Governo. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

LOPES, A. C. Itinerários formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. *Retratos da escola*, v. 13, n. 25, p. 59-75, 2019.

LOWY, M. Método dialético e teoria política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: aborda-

gens qualitativas. Em Aberto, v. 5, n. 31, 1986.

MACEDO, M. L. L.; DOS SANTOS, J. S.; ROCHA, J. D. T. Narrativas Do Ensino De História Na Amazônia Legal Em Tempos De Pandemia Da Covid-19. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 64, p. 54-64, 2021.

MAGALHÃES, D. N. Intergeracionalidade e cidadania. 2000 In: PAZ, Serafim: Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: 2000. CBCISS-ANG/RJ.

MARCONI, M. A. de.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas: 2003.

MATOS G. A. A Palavra do Contador de Histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes; 2014. p. 203.

MCTI. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.finep.gov.br/images/a-finep/Politica/16_03_2018_Estrategia_Nacional_de_Ciencia_Tecnologia_e_Inovacao_2016_2022.pdf Acesso em: 02 de fev. de 2022.

MELLO, M. B. C. Rastros: Dizendo Sobre os Fazeres/ Dizeres. Educação & Sociedade, ano XXII, no 74, p. 285-299, Abril/2001.

MENETTI, S A P P. O comprometimento organizacional da Geração Y no Setor de Conhecimento Intensivo / Sandra Aparecida Pagliaci Pulino Menetti. São Caetano do Sul: USCS / Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. A prosa do mundo. São Paulo - SP: Cosac Naify: 2012.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo, SP: Martins Fontes: 2001.

MESSENDER, J. C.; OLIVEIRA, D. A. A. S.; ARAÚJO, F. M. B. Ensino de ciências para crianças: possibilidades em contexto de formação para a cidadania. *Artefactum: revista de estudos em linguagem e tecnologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.1-12, 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/EQj0WUM> Acesso em: 2 mar. 2019.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MIRANDA, M. G. O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores, v. 5, p. Campinas: Papirus: 2001.

MIRANDA, M. G. O professor pesquisador e sua pretensão de resolver a relação entre a teoria e a prática na formação de professores. In: André, M. E. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores 4. ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 129-143.

MORIN, Edgar. A Via para o futuro da Humanidade. Bertrand Brasil, RJ 2013.

MOTA, J. C. S. C. et al. Relações intergeracionais entre avós e netos. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/>

anais/sigero2022>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

MOURA, T. M. M. A prática pedagógica dos alfabetizadores de Jovens e Adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió; EDUFAL, 1999.

NOLETO, L. et al. Apoio Social: velhos da “UMA” em situação de vulnerabilidade em tempo de Covid-19. Revista Observatório, v. 6, n. 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9482> Acesso em: 12 de mar. 2022.

NOVAES, M. H. Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU: 1997.

NUNES FILHO, F. A.; OSÓRIO, N. B.; MACÊDO, C. F. Projeto Eco ponto na Escola, uma experiência de Educação Ambiental intergeracional em escolas públicas de Palmas-TO. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, p. 237-256, 2016.

NUNES FILHO, F. A.; SAMPAIO, M. A. P.; OSÓRIO, N. B. Formação em Educação Intergeracional: o Curso de Formação Piloto do Centro Sarah Gomes. CONEDU - Congresso Nacional de Educação. 2021

OBSERVATÓRIO. Observatório movimento pela BNCC. Municípios do Tocantins e o alinhamento dos currículos à BNCC. 2021. Disponível em: <https://observatorio.movimentopelabase.org.br/municipios-do-tocantins-e-o-alinhamento-dos-curriculos-a-bncc/> Acesso em: 27 de jul. de 2022

OLIVEIRA, N. P. B. et al. A Universidade no combate ao

analfabetismo: a conexão existente na UMA/UFT em prol da alfabetização de idosos. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 3, p. 16719-16728, 2022b. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/44896> Acesso em 06 de jun. de 2022.

OLIVEIRA, N. P. B. et al. O encantamento nas narrativas intergeracionais com a Universidade da Maturidade - UMA/UFT e o Projeto Ecoponto na Escola. In: *Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo*. In: *Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo*. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022a. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

OLIVEIRA, N. P. B. et al. Os mais velhos no Senado Federal: um olhar sobre a Sessão Especial que celebrou os 15 anos da UMA/UFT The eldest in the Federal Senate: a look at the Special Session that celebrated the 15th anniversary of UMA/UFT. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 3, p. 18380-18389, 2022c.

OLIVEIRA, P. S. Cultura e co-educação de gerações. *Psicologia USP*, v. 9, p. 261-295, 1998. Disponível: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/qc9YsDWYDfBkgK6BRyNjT-3Q/?lang=pt> Acesso em 30 de jan. 2022.

OLIVEIRA, S. M. R. A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social. Universidade do Minho. Instituto de Educação, 2018. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56031/1/tese%20final%20sara%20oliveira.pdf> Acesso em: 06 de fev. de 2022.

OLIVEIRA, Z. M. R. A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. Editora Cortez: 2000.

OPAS/ONU. Organização Pan-Americana da Saúde. Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030). OMS: 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030> Acesso em: 20 de mar. 2022

OSÓRIO, N. B; ANDRADE, C.M. Asilo, é possível viver com alegria? Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Rio Grande do Sul, 2000.

OSÓRIO, N. B. Palavras da professora Neila Barbosa Osório durante as aulas da disciplina Técnicas de Educação Intergeracional, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT). Palmas: 2022.

OSÓRIO, N. B. et. al. A Era dos Avós Contemporâneos na Educação dos Netos e Relações Familiares: Um Estudo de Caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. Revista Signos, Lajeado, ano 39, n. 1, 2018. ISSN 1983-0378 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1837> Acesso em: 10 de abr. de 2022.

OSÓRIO, N. B. Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins: Uma proposta educacional para o envelhecimento digno e ativo no Tocantins. Palmas: UFT, 2011.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO L. S.; MONTEIRO, S. D. Universidade da Maturidade: Ressignificando Vidas.

Universidade Federal Do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2013.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704158> Acesso em: 31 de jul. de 2022.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L.S. Universidade da Maturidade. Nossa História. Universidade Federal do Tocantins. UFT/2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/nossa-historia/> Acesso em: 24 de abr. 2022.

OSÓRIO, N.B; SILVA NETO, L.S. Interdisciplinaridade na terceira idade: o caso dos avós. São Paulo: Xamã, 2009.

PACHECO, J. A. Escrito curriculares. São Paulo: Cortez, 2005

PACTO, Pacto Nacional de Implementação dos Direitos da Pessoa Idosa (PNDPI). Ministério de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Brasília - DF. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/CARTILHA_PACTO_ENVELHECIMENTO_.pdf Acesso em: 14 jul. 2022.

PACTO/UMA/UFT. Curso de capacitação para criação e fortalecimento dos Conselhos e Fundos de Direitos das Pessoas Idosas – Tocantins. Palmas - TO: UMA/UFT, 2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/projetos/> Acesso em 5 de jul. de 2022.

PAIVA, J.; MACHADO, M. M.; IRELAND, T.. Educação

de jovens e adultos: Uma memória contemporânea, 1996-2004. UNESCO Representação no Brasil, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/vol11ejaelt.pdf> Acesso em: 24 de mar. 2022

PAZ, S. F.; ALEXANDRINO, M. B.; PEREIRA, H. C. Estatuto para quem precisa de Estatuto: quem assegura os direitos do Idoso?. Org). Envelhecimento e vida saudável. Rio de Janeiro: Apicuri, p. 316, 2009.

PERISSE, C; MARLI, M. Caminhos para uma melhor idade. Retratos a revista do IBGE, Rio de Janeiro, n. 16, p.01 -28, fev/2020. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e-6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Artmed editora, 2015.

PIENTA, A. C. G. Temas contemporâneos da educação. Curitiba: Fael, 2014.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

PPP-UMA/UFT. Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins - UMA/UFT. 2021.

RAMOS, M. Concepção do ensino médio integrado. 2008. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja>. 102

org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf Acesso em: 20 mar. 2022.

RAMOS, M. Concepção do ensino médio integrado. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias, v. 8, 2008.

RAMOS, M. Ensino médio integrado: concepções e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. cap. 4, p. 107-148.

RAMOS, N. Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. In: Revista Educação em Questão, Natal, v. 34, n. 20, p. 9-32, jan./abr. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3941> Acesso em 25 de jul. de 2022.

RIBEIRO, M. S. L.; PROFETA, A.C. Programas de Educação Ambiental no ensino infantil em Palmeira de Goiás: Novos paradigmas para uma sociedade responsável. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient, Vol. 13, p. 125-139, 2004.

RIVA, L. C. O Estatuto do Idoso Brasileiro e a Garantia dos Direitos Fundamentais. Revista do Instituto do Direito Brasileiro (RIDB), Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Ano, v. 2, p. 8735-8760, 2013.

RIZZO, J. F. Educação Ambiental ou Educação Ambiental. artigo científico. 2005. Disponível em: <http://www3.mg.senac.br/NR/.pdf>. Acessado em 20.mar. 2010.

RODRIGUES, M. J; VIEIRA, R. M. Programa de formação de educadoras de infância: seu contributo para a (re)

construção de concepções ciência-tecnologia-sociedade. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, Vigo, v. 11, n. 3, p. 501-520, 2012. Disponível em: <https://cutt.ly/WQj0M1k> Acesso em: 5 ago. 2019.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SACRISTÁN, J. G. Tendências investigativas na formação de professores. In: Pimenta, S. G.; Ghedin, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 81-87.

SAEB. Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) – Documentos de referência. Ministério da Educação. 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/saeb_documentos_referencia-versao_preliminar.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.

SANTANA, L. S. B. et al. A Educação Intergeracional na Contação de Histórias dos Anciãos Indígenas da Universidade da Maturidade - UMA/UFT de Tocantínia Tocantins. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

SANTANA, W. V. de. A universidade da maturidade como produtora de tecnologia social educacional (2016 a 2020). 2021.

SAVIANI, D. et al. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: 19ª Edição Editores Autores Associados, 2013.

SAVIANI, N. Currículo e matérias escolares: a importância de estudar sua história. São Paulo: Autores Associados, 1994.

SEB/MEC. Relatório anual da Secretaria de Educação Básica - 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/secretarias/secretaria-de-educacao-basica/publicacoes/relatorio-anual-da-secretaria-de-educacao-basica-2021/view> Acesso em: 06 de jun. 2022.

SIGERO. Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo - Sigero. Anais eletrônicos Palmas: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/sigero2022/> Acesso em: 15 ago. 2022.

SILVA NETO, L. S. S.; OSÓRIO, N. B. Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 4, n. 3, p. 01-02, 2017. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/4130/11594> Acesso em 03 de ago. de 2022.

SILVA, B. J. S. da et al. O uso de medicamentos na maturidade: fatos e fakes. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

SILVA, M. A. V.; BATISTA, O.; DE RESENDE F. Z. C. Entre os Muros da Universidade e da Escola: a Extensão como Via Indissociável do Ensino e da Pesquisa. 2009.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução

às teorias do currículo. Autêntica, 2016.

SILVEIRA, T. M. da. Convívio de gerações: ampliando possibilidades. Textos sobre Envelhecimento. Rio de Janeiro, v.4, n.8, 2002. Disponível em: http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-59282002000200002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 1º mar. 2022.

SOARES, P. C. V. Q. Abandono de Idosos em Relação ao Estatuto do Idoso. 2008.

SOUSA SÁ, F. A. S. et al. A intergeracionalidade e sustentabilidade como ferramenta de aproximação entre velhos e crianças de 4º ao 5º ano na Escola Integral Vinícius de Moraes. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

SOUZA, M. C. et al. Uma proposta curricular de Educação de Jovens e Adultos ao longo da vida. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas- TO: UMA/UFT, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

TAUCHEN, G. O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

TEIXEIRA, R. F. B. et al. Concepções de itinerários formativos a partir da resolução CNE/CEB Nº 06/2012 e da lei nº 13.415/2017. Educação no Século XXI-Volume 28
106

Gestão e Políticas Públicas, p. 59, 2017.

TORRES, R. M. Educación para todos: La propuesta, la respuesta (1990-1999). Buenos Aires (apresentada no Painel Nueve años despues de Jomtien, Conferência Anual da Sociedade Internacional de Educação Comparada, Toronto, 14-18 de abril, 1992).

TRANSFORMA, Fundação Banco do Brasil. Tecnologias Sociais Reconhecidas. Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. FBB: 2013. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/universidade-da-maturidade-uma-proposta-de-educacao-para-adultos-e-velhos> Acesso em: 11 nov. 2021.

UJIE, N. T.; PINHEIRO, N. A. M. O enfoque ciência, tecnologia e sociedade (CTS) na educação infantil: discussão e aplicação possível. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/mQUaGnJ> Acesso em: 31 jul. 2021.

VIDEIRA, B. M. P. Emoções e Doenças Orgânicas. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra: 2020.

VIEGAS, R. O. M. C. Geração alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN. 2015. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Departamento de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

VIEIRA, S. R. A Educação Ambiental e o currículo escolar. Ver. Espaço Acadêmico. Vol. 5, nº 83, p. 2-4, 2008.

VILLAS-BOAS, S. et al. A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida-Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. *Investigar em Educação*, v. 2, n. 5, 2016. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/114> Acesso em 30 de mar. 2022.

VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L.S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: 1998.

WONG, P. L. Paulo Freire: um aliado para aqueles que se atrevem a ensinar. *Reinventando Freire: a Práxis do Instituto Paulo Freire*. Editora: Lemann Center: 2018.